

## O AMOR DOS AMORES



Wellington Corporation

## Cântico dos Cânticos

O termo Cântico dos Cânticos em hebraico é equivalente em forma ao termo "Santo dos Santos", que traduzimos normalmente com santíssimo. הַשִּׁירִים שִׁיר transl. Šîr HaŠîrîm; na Septuaginta grega: Ἄσμα Ἄσματων, transl. Āisma Āismatōn; Representa, em hebraico, uma fórmula de superlativo; significa o mais belo dos cânticos, Cântico por Excelência ou o maior dos cânticos. Seu título evoca que ele é o mais belo, mais profundo cântico escrito por Salomão e também que representa o mais belo canto escrito por um compositor humano, sendo ele principal dos cantos de amor, o mais importante de todos os cantos. O título não traduz uma pretensão inalcançável. Ele revela a importância que o Espírito de Deus dá a esta canção. Deus o considera o mais profundo e maravilhoso cântico entoado. Essa consideração tem razões pessoais. Porque o Espírito de Deus participou de sua composição tecendo um dueto da paixão do jovem Salomão pela caçadora de raposas e exímia dançarina e de sua paixão pela humanidade, por Israel pela sua Igreja. Ele possui um caráter sagrado, tão sagrado que faz parte da revelação do Velho Testamento, estando no mesmo patamar de inspiração de Eclesiastes, do Livro de Jó, de Genesis, Salmos ou das profecias de Isaías. Só por incluso em um rol de livros tão repletos de revelações divinas, já o tornaria um cântico ímpar, uma singularidade, um grandioso mistério. O carinho que o Espírito de Deus concede a Cantares é percebido na doçura de seus versos, na beleza do romance e no desenvolvimento da trama cujo momento mais sublime é justamente uma dança, a dança de Maanaim que acontece no capítulo 7 do livro.

Para podermos compreender a profundidade do amor divino incorporado às páginas de Cantares é imprescindível compreendermos a época e as religiões do mundo no qual ele está inserido.

## A RELIGIÃO ANTIGA

Nos tempos bíblicos, a vida começava não com a concepção, mas com o reconhecimento da criança, por parte do pai ou da mãe. Nesse processo, a parteira desempenhava um papel fundamental. Se a criança não recebesse o reconhecimento do pai e da mãe, seria adotada por uma mãe substituta, uma ama de leite. No entanto, "se ninguém a adotasse, a parteira deixaria a criança, da mesma maneira que veio do útero, em um campo aberto onde poderia ser adotada por outra casa." (Matthews, Benjamin, 1995: 73)<sup>2</sup>

Antes da concepção, as parteiras já tinham um lugar junto ao processo de preparação da futura esposa e/ou mãe. Como profundas conhecedoras da corporeidade, da biologia, principalmente da mulher, elas observavam os inícios da menstruação e controlavam os períodos de fertilidade, os ciclos e os tempos apropriados para efetuar o casamento e as relações sexuais que resultariam numa gravidez. (Matthews, Benjamin, 1995: 68). Numa sociedade onde a maternidade e a procriação determinavam o valor social das mulheres, deter o conhecimento em torno destas realidades certamente investia de poder a quem

desenvolvesse e possuísse tal saber. Neste sentido, as parteiras detinham um poder social destacado, tanto em assuntos de ordem social quanto religiosa.

Na história de Yera e Nikkal-Ningal da Mesopotâmia, a função da parteira era controlar a menstruação. As parteiras eram sete e calculavam o casamento de Yera e Nikkal-Nigal planejando e calculando a data de acordo com o ciclo lunar, da lua nova para cheia. “A confluência do ciclo da lua com a menstruação é a peça central no trabalho da parteira.” (Matthews, Benjamin, 1995: 75). Um hino, que faz parte dessa história, ilustra a função das parteiras:

Hino às parteiras divinas

Ó Kotharôt, eis que uma mulher jovem vai dar à luz um filho;  
Que as Kotharôt dirijam seu olhar para ele (...)  
Eu canto às divinas Kotharôt,  
Filhas de Hilal\*, as andorinhas,  
Filhas de Hilal, o senhor com a foice,  
Que descem com as plantas...  
Sim, minha força está em El,  
O misericordioso de coração grande.  
Eis que tenho na boca a receita das Kotharôt,  
Em meus lábios a sua fórmula,  
Elas são o seu dote e a sua riqueza.  
Ó vos que fazeis um pacto com ela  
Que ruidosamente aplaudis próximo a Prbht\*\*  
Vós, as boas, as jovens Kotharôt!

Era conhecido o uso da mandrágora como planta afrodisíaca (Gn 30.14- 20; Ct 7.13). Se as parteiras exerciam o controle da fertilidade, é possível que a prescrição e o uso dessa planta também estivessem sob sua orientação. Também fazia parte do material utilizado pela parteira o banco ou a cadeira de alumbramento, que consistia de duas rochas ou madeiras que serviam de suporte ou apoio para a parturiente na hora do parto. (Vaux, 1975: 79). Essa prática de dar à luz sobre dois tijolos também era conhecida no Egito, onde havia inclusive uma Deusa chamada Meskhenet, que era a personificação desses dois tijolos. (Robin, 1996: 84).

De alguma forma, esta linguagem foi incorporada nas experiências registradas nos textos bíblicos. Em alguns textos são usadas imagens de Deus como uma mulher que dá à luz, que geme em dores de parto –Is 42.14; 66.9; Os 11.3-4. A analogia que o texto de Dt 32, principalmente, os versículos 3-4, 18 faz entre Deus como rocha é sugestiva numa tentativa de vincular os processos de dar à luz, em cima de duas pedras, com a experiência com o divino e o sagrado doador da vida.

As evidências arqueológicas de figuras/estatuetas que evocam a proteção ao parto e à amamentação são sugestivas nessa suposição. Muitas figuras de mulheres, grávidas ou segurando crianças podem ser representações das Deusas da fertilidade, Astarte, Anat e

Ashera. Estas formas de estatuetas femininas, que podem estar sentadas ou de pé, são objetos cúlticos muito comuns encontrados em vários períodos da história bíblica. Estas poderiam ter sido usadas como votos de oferenda apresentados pelas mulheres à divindade, em situações que requeriam pedidos de ajuda. (Stern, 1982: 17, Brooks, 1941: 245) “Modelar e invocar a Deusa Mãe pode ser permitido nos ritos de concepção, parto ou lactação...” (Dever, 1990: 157) Esses rituais eram organizados, presididos e freqüentados por mulheres.

No norte da Índia, a *Emblica officinalis* é uma árvore sagrada. No dia 11 do mês de falgun (fevereiro) são feitas oferendas ao pé dessas árvores: uma fita vermelha ou amarela é atada à volta de seus troncos e orações lhes são dirigidas pela fertilidade das mulheres, dos animais e da terra. Na cidade de Qua, perto da velha Calabar, havia uma palmeira que assegurava a concepção a qualquer mulher estéril que comesse um de seus frutos. Na Europa, a árvore de maio, ou mastro enfeitado de flores e fitas da festa da primavera a 1.º de maio, tem ao que se supõe, poderes semelhantes em relação às mulheres e animais.

O mundo da antiguidade é dominado pelos ritos e crenças das inúmeras deusas da fertilidade.

A agricultura era fonte de subsistência e vida, a lavoura um motivo de grandiosa alegria, e milhares de religiões e atos mágicos ao redor da terra surgiram da observação dos ciclos da própria natureza, tais como o inverno, o outono, a primavera e o verão. A vida humana estava profundamente interligada à terra, os ciclos de vegetação interligados a adoração e serviço das divindades, a fertilidade humana e sua sexualidade tinha uma representação na fertilidade da terra, nos frutos e sua renovação. Os reis e governantes se conectavam a terra e ao destino de suas comunidades como representantes do divino, sua autoridade era mágica, suas vidas eram ritualizadas e seus erros gerariam calamidades, tais como a seca e as enfermidades.

A antiga **Babilônia fora construída ou renovada em virtude de uma história de amor.** Quem declara a versão do amor de Nabucodonozor por sua esposa **é um sacerdote de Marduque.** Outros autores da antiguidade pensam que foi um dos reis assírios que construiu fantásticos jardins em homenagem a uma de suas concubinas

Babilônia fora adornada em função de uma história romântica. Como homenagem de um rei a uma PAIXÃO.

As portas da cidade homenageavam a ISHTAR deusa do AMOR. Os costumes religiosos incentivavam a PAIXÃO pelos deuses, demonstrada de modo físico. A mulher babilônica era obrigada a perder sua virgindade numa festa religiosa, entregando-se a estranhos, em troca de moedas de pratas, consumando o ato nos Zigurates (templos) e dedicando o dinheiro dessa ‘prostituição sagrada’ ao sacerdócio dominante. Essa antiga prática de ‘sexo cultual’ é tratado nas Escrituras. Um célebre mago, praticante de bruxaria, Balaão concede um conselho aos Moabitas para tentarem SEDUZIR a fé ISRAELITA as festividades dos deuses da antiguidade. A ‘adoração’ as antigas divindades de Moabe, assim como de Babilônia incluíam orgias, regadas a vinhos misturados a ervas afrodisíacas. Se o que faziam em Babilônia séculos depois envolvia virgens, teremos a infelicidade de compreender que

os rituais que Balaão aconselha envolviam ADOLESCENTES. Moças e jovens que eram instruídos na arte da sedução e que se ofereciam aos homens e mulheres israelitas como uma prática de CULTO. A antiga religião convidada os israelitas a ORGIA como prática RELIGIOSA, ou seja concedia LEGITIMIDADE a uma situação que era somente **uma escola de devassidão**

## SOBRE O TERMO QADESH

Essa palavra em demótico tem a mesma raiz em muitas línguas semitas, incluindo o hebraico. É a raiz da palavra CONSAGRADO ou SANTO *Qadash*, o termo para santo no Velho Testamento, é usado mais de 600 vezes, de muitos modos



Os escritores do Antigo Testamento usaram a palavra קֹדֶשׁ (kodesh), “separado”, “santidade”, “sacralidade”, “posto à parte”, vem do verbo קָדַשׁ (kadash) que significa “apartar”, “celebrar”, “consagrar”, “dedicar”, “purificar”, “santificar”. A palavra קֹדֶשׁ (kodesh) ocorre cerca de 470 vezes no AT.

Literalmente, *qadesb* (masculino) e *qdsbab* (feminino), denotam **alguém que é sagrado ou consagrado**. *Qadesb* é usualmente traduzido como “sodomita”,<sup>33</sup> relacionado com as práticas homossexuais e não relacionado com a cidade de Sodoma; o termo *qdsbab* é normalmente traduzido como “prostituta”<sup>34</sup> ou “prostituta do templo”. O autor argumenta que tais passagens bíblicas apresentadas anteriormente claramente ligam os *qdoshim* e as *qdsbot* com a adoração de deuses detestados pelos seguidores de *Yahweh*, porém não comprovam nada sobre as suas atividades sexuais.

Em acádico, *qadištu* era uma sacerdotisa sagrada (que poderia ser ou não uma prostituta sagrada). Os funcionários do templo ugarítico incluíam os *qdšm*. Em Mênfis, um monumento erigido a Qudshu, uma deusa síria associada ao amor e à fertilidade, refere-se a ela como “a prostituta”. Uma inscrição fenícia em Chipre, datada do IV século a.C, ao se referir a uma categoria de funcionário do templo que desempenhava um papel no serviço à deusa Astarte, identifica *keleb* como alguma espécie de funcionário religioso. No Egito existe uma placa da décima nona dinastia que mostra uma deusa, identificada como “*Qudšū*, a amada de *Ptab*”, diante de um leão, segurando serpentes em ambas as mãos; uma estela similar, que diz “*Qudšū*, senhora do céu e senhora de todos os deuses”, mostra a deusa diante de um leão, segurando uma serpente em sua mão esquerda. Estes registros sugerem que o leão deitado, a cobra segurada com a deusa pintada em uma placa da Winchester

College collection, publicada por I. E. S. Edwards, apesar de ser identificada como uma deidade composta *Qudšu-Aštar-Anat*, é *Qudšu*, “a única sagrada” - e é bem **conhecida das fontes ugaríticas como um epíteto padrão de Asherah**. Numerosas outras representações, tanto egípcias quanto canaanitas, de uma deusa que sustenta cobras diante de um leão, enquanto não-escritas, presumivelmente também são pintadas como *Qudšul/Asherah*.

A figura abaixo é da representação egípcia da deusa da fertilidade, 2000 anos antes de Cristo.



(cortei a parte direita da figura porque tinha um sujeito nu ‘feliz’ demais com a deusa prostituta)

[http://www.enenuru.net/sheshki/board/egypt/Qadesh\\_stele\\_upper\\_frame.jpg](http://www.enenuru.net/sheshki/board/egypt/Qadesh_stele_upper_frame.jpg)

Essa é uma representação canaanita, séculos após, 1300 anos antes de Cristo.



Estatueta de Astarte de 3400 anos de idade encontrada há 134 km de Jerusalém.



Qadesh (Qedesh, Cades, Qetesh, Qudshu), originalmente uma divindade semita cujo culto foi importado para o Egito durante o Império Novo. Ela era uma deusa da natureza, beleza e prazer sexual. Originalmente seu marido era o deus Reshep, uma divindade síria cuja adoração foi introduzida no Egito durante o Reino Médio. Quando seu culto se espalhou pelo Egito estava associado com o deus da fertilidade Min. Min e Reshep eram adorados como uma tríade com Qadesh no qual ela era ou a esposa de ambos os deuses ou a mulher do Reshep e mãe de Min.

## A MULHER SAGRADA

Expulsou da terra as prostitutas (sagradas) que ainda restavam do tempo de seu pai. I Reis 22,47

Não terás comércio com um animal, para te contaminares com ele. Uma mulher não se prostituirá a um animal: isso é uma abominação. Levítico 18,23

Até prostitutas (sagradas) houve na terra. Imitaram todas as abominações dos povos que o Senhor tinha expulsado de diante dos israelitas. I Reis 14,24

**Qadesh foi originalmente descrita como uma mulher nua em pé na parte de trás de um leão** (fora do Egito, por vezes, é um cavalo) com uma lua crescente em sua cabeça. Depois de sua adoção no panteão Egípcion ela foi mais comumente retratado vestindo a mantilha de Hathor ou um par de vacas chifres e um disco solar (também ligado com Hathor e o "olho ou Ra") e um vestido tight-fitting. Ela foi muitas vezes mostrada segurando cobras (pensado para representar genitália masculino) ou uma planta papiro (representando Reshep) na mão direita e flores de lótus (representando tanto genitália femininos ou Min) na mão esquerda. O nome dela está intimamente relacionado com a palavra hebraica "qedesh". É frequentemente traduzido como "mulher santa" e refere-se às prostitutas sagradas do culto de Asherah conhecido como Quedeshot (a deusa da natureza semita que foi associado com Hathor no Egito). Na verdade, Qadesh às vezes é pensado como um aspecto de Asherah, em vez de uma deusa distinta.

A moça bêbada de Apocalipse, a prostituta que se assenta na besta vermelha, enriqueceu, comprou sua liberdade ou a alcançou – é uma meretriz – ela é a ‘dona do bordel’, ela é a chefe das prostitutas, e representa igualmente a alta-sacerdotisa, a **mulher sagrada do antigo oriente**.

Não haverá prostituta [*qdsbab*] dentre as filhas de Israel; nem haverá sodomita [*qadesh*] dentre os filhos de Israel. Não trará salário de rameira [*zonah*] nem preço de cão [*keleb*] à casa do SENHOR, teu Deus, por qualquer voto; porque ambos estes são igualmente abominação [Tô`ëbâ] ao SENHOR, teu Deus. Deuteronômio 23:18-19

Porque também eles edificaram altos, e estátuas, e imagens de Asherah sobre todo o alto outeiro e debaixo de toda a árvore verde. Havia também sodomitas [*qäděš*] - forma singular *qäděš* cuja forma plural é *qdoshim* - na terra; fizeram conforme a todas as abominações dos povos que o SENHOR tinha expulsado de diante dos filhos de Israel. 1º Reis 14:23-24

Porque [Asa] tirou da terra os prostitutos cultuais [*qdoshim*] e removeu todos os ídolos que seus pais fizeram. 1º Reis 15:12

Também [Josafá] exterminou da terra os restantes dos prostitutos cultuais [*qdoshim*] que ficaram nos dias de Asa, seu pai. 1º Reis 22:47



Também [Josias] derribou as casas dos prostitutas culturais [*qdoshim*] que estavam na Casa do SENHOR, em que as mulheres teciam casinhas para o ídolo do bosque [*Asberab*]. 2º Reis 23:7

Astour, estudioso de linguística assíria, percebe que parece que a maioria das sacerdotisas e hieródulas (consagradas – do grego - *hyeros*- ‘sagrado’) viviam em edifícios especiais relacionados aos templos e chamados *gagú* (gá. g i 4 . a), mas elas também poderiam viver de maneira privada (Código de Hammurabi, parágrafo 110).<sup>89</sup> De acordo com as leis de Lipit-Ištar, parágrafo 22, “se o pai estiver vivo, sua filha, se ela for uma *n i n . d i n g i r* (= *entu*), uma *lukur* (= *naditu*), ou a *n u . g i g* (= *qadištu*), viverá em sua casa como uma herdeira.”<sup>90</sup> Porém, a sacerdotisa ou hieródula, como afirmou o Código de Hammurabi,<sup>91</sup> **pode não ter herdeiros**; (parágrafos 178-181) e tudo termina com a afirmação: “a sua herança pertence aos seus irmãos”. Astour afirma que apenas com uma autorização escrita pelo pai (encontrada no parágrafo 179; ao discorrer sobre a *naditu*, que era a mulher consagrada ao deus babilônico Marduk em uma situação na qual ela não possuía autorização escrita, encontrada no parágrafo 182), uma mulher consagrada poderia

“dar a sua herança a quem sempre lhe agradou (pessoas que ela goste ou de sua confiança)”; porém, os seus herdeiros naturais (seus próprios filhos) não são mencionados. **A única alternativa para tal mulher “prover seu marido com crianças” é dá-lo a uma mulher escrava para “produzir crianças”** (parágrafos 144, 145, 146) – exatamente como no ato de uma mulher fisicamente estéril nas histórias patriarcais de Gênesis; ou o marido poderia tomar uma concubina adicional (šU.GE4-tum).<sup>92</sup>

Astour conclui que como a castração ou esterilização de mulheres era desconhecida e tecnicamente impossível na Antigüidade, as sacerdotisas ou hieródulas poderiam evitar a impregnação apenas **ao utilizar métodos não convencionais de penetração.**



Asherah, também conhecida como Astarte e Ashtoret, era uma das divindades femininas do panteão cananeu, que apesar de ser **muito instável em personalidade e função**, representava a mulher principal no culto da fertilidade. Ela **era retratada como uma cortesã sagrada, uma mulher grávida ou até mesmo como uma deusa da guerra, sedenta de sangue.**

Destaca-se que Asherah é a consorte de El, que participa de sua dignidade e é adorada como “a criadora dos deuses” – e pode interceder efetivamente diante de El a favor das outras deidades. A deusa mais parecia com uma matrona que passou da época da concepção e do parto e, mesmo com a polaridade freqüentemente encontrada na natureza dos deuses cananeus, isto não impedia que ela fosse pintada ao dar à luz e ao amamentar.

A participação da Asherah como mulher principal no culto da fertilidade correspondia às forças da natureza que foram reativadas e que seria assegurada a desejada fertilidade do solo, dos animais e dos homens. O culto cananeu relacionado com a Asherah, **segundo era caracterizado pela prostituição dos deuses, pelas práticas homossexuais e por vários ritos orgíacos. a deusa Astarte corresponde à deusa babilônica Ishtar e é mencionada frequentemente nos textos culturais e litúrgicos de Ugarit.** Nas escavações da cidade de Ugarit existem numerosas representações

pictóricas de deidades femininas com pronunciados atributos sexuais e que, pelo menos uma parte delas, provavelmente representa Astarte, o que evidencia, a partir de tais descobertas, que **era admitida a difusão de muitos cultos das deusas-mães**

Inana era a deusa mais poderosa e ambiciosa do panteão sumeriano. Grande parte desta energia resultou de seu papel como a deusa do amor sexual e da fertilidade agrícola, a relação entre os dois era transmitida em metáforas que igualam o ‘fazer amor’ com o cultivo de plantas e **satisfação sexual** com o gado fecundo. Seu parceiro nestas celebrações era o pastor-deus Dumuzid, embora este papel masculino fosse muitas vezes tomadas pelo rei que estabelecia assim a sua responsabilidade pastoral para a seu rebanho (humano), proximidade com o divino, e contribuição para a agricultura, a base econômica na qual a civilização urbana foi baseado. em Dumuzi e Enkimdu o pastor deus viés com sucesso com o agricultor, durante o afetos de Inana, com quem ela fora inicialmente ferida. O relacionamento entre Inana e seu amante é comemorado com alegria e liricamente em canções com as jóias e numa canção de amor para Su-Suen. No entanto, a paixão pode ter mais de um objeto de desejo, já que ‘emoções’ assumem muitas formas, como a Canção bíblica de Cânticos nos lembra, **"o amor é tão forte como a morte"**.

Consequentemente o ‘fervor’ de Inana se estende além das fronteiras da amor sexual e seu **poder exultante manifesta-se em raiva e guerra**, sendo o sucesso militar um fator essencial para um governante da Mesopotâmia.

É relatado esse aspecto aterrorizante da deusa Inana em um hino à Inana. Em certo cântico “sua ira é aproveitada pelo rei contra seu inimigos” em outro, ela ‘se volta contra a sacerdotisa En-Hedu-ana’. **Sexo e morte estão intimamente entrelaçados nas narrativas da ‘descida de Inana para o Submundo’** e no ‘sonho de Marduque’, cantos religiosos da suméria que estão inter-relacionados. Num certo poema Marduque está preocupado com a tentativa de Inana de **ampliar a sua governança para o Submundo**, contando com seu confinamento lá e que a liberação desta ‘terra sem retorno’ unicamente possa acontecer na condição de que ela seja substituída por outra divindade. (no final do cântico Marduque e sua irmã Gestin-ana tomam a governança do universo em alternância). Outro poema fornece uma visão diferente – com a captura de Marduque por demônios do submundo. Estes textos sagrados exploram paralelos entre si. Por um lado, o que acontece com divindades e por outro, a fecundidade e ciclo das estações com as quais foram associados, sendo **o mundo humano retratado como um complemento indissociável com o divino**.

Evidências inscricionais também demonstram a associação da Asherah com serpentes, tais como os textos proto-Sinaíticos nos quais ela é chamada de **“Senhora da Serpente”**. Eva em Gênesis 2:4b-3:24 é **a figura desmitologizada de Asherah**,<sup>186</sup> em que **Eva, como Asherah, representa fertilidade (“a mãe de todos os seres viventes”;** Gênesis 3:20). Significativamente, esta Asherah “semelhante a Eva” está associada com a serpente. **O culto de Ishtar, cujas origens são encontradas no culto sumério à deusa Inanna, possui paralelos próximos ao culto canaanita à deusa Asherah e ao culto egípcio a Ísis.** Existem similaridades entre a profecia assíria e a profecia bíblica. A adoração de ‘Asherah na corte de Judá, para a maioria dos reis e rainhas davídicos estava relacionada ao Antigo Oriente Próximo, estando relacionados ao mito de Omphalos: forças ctonianas

(Mitologia grega, diz-se dos deuses que residem nas cavidades da terra ), a cobra sagrada, o rito solar, a prostituição masculina, e a bissexualidade. As representações de serpentes aparecem juntas com as da deusa Asherah em Ugarit, em Bethshan, em Beit Mirsim, em Hazor, bem como em muitos outros lugares da Síria e de Palestina.

A forma feminina de Asherah nela mesma, assim como sua similaridade na ortografia em um som para 'Ashtart, a deusa-mãe, determinam uma concepção feminina.

O sacerdócio feminino na Suméria teve início com Sargão de Akkad e sua filha Enheduana como a primeira sacerdotisa, estando ligado à antiga adoração da Deusa-Mãe ou Deusa da Fertilidade como também era conhecida. Na Suméria esta deusa era conhecida pelos nomes de Inana e Ishtar.

Conta um mito sumeriano que Sargão teve um sonho onde é favorecido pela deusa Inana , tornando-se o governante e a partir deste momento passa a prestar culto a ela, através de Enheduana sua filha. A sacerdotisa passa a ser a representante de Inana na terra.

O poema a seguir assemelha-se a uma redação de diário e descreve a imagem que Enheduana tem da deusa Inana:

Senhora de todas as essências, cheia de luz, boa mulher, vestida de esplendor,  
que possui o amor do céu e da terra, amiga de templo de An,  
tu usas adornos maravilhosos, tu desejas a tiara da alta sacerdotisa  
cujas mãos seguram as sete essências. (QUALLS-CORBETT, 1990, p.33)

Sargão ao unificar a parte sul da Mesopotâmia a região de Acádia (futura Babilônia) **passa a reconhecer Inana também por Ishtar**, nome que a deusa assume na Babilônia.

Com o tempo, essa deusa mãe da fertilidade ganharia vários nomes: **Inana** na antiga Suméria, Ishtar na Babilônia, Anat em Canaã, Ísis no Egito e Afrodite na Grécia

As sacerdotisas como seguidoras da Deusa a cultuavam em ritos de adoração que simbolizavam a fertilidade tanto do solo como da população. Os ritos eram realizados em templos altos conhecidos como Zigurats, que eram construções suntuosas que se assemelhavam a montanhas. As montanhas tinham grande importância entre os sumérios, pois representava um ponto de passagem ou transição de um mundo para o outro. (CARDOSO, 1999, p.93)

Uma das liturgias de Ras Shamra desse período traz um completo conteúdo do ritual do casamento sagrado no **qual as *qdshot* funcionavam como as esposas de El**

A descendência sagrada, cuja característica da ideologia do culto da fertilidade tem sido desenvolvida sobre a crença da propagação da vida humana e, sobre certas condições, supostamente poderia ser controlada pelos deuses, traria maior produtividade aos campos e

grupos e ainda traria prosperidade ao grupo social. Esta idéia, traduzida na ação pela magia sincronizada, é ao menos um dos fatores fundamentais que ocasionaram a prevalência da prostituição sagrada. Brooks salienta que os prostitutas foram pessoas dedicadas aos deuses considerados oficiais de culto. Especialmente nos festivais, pelo laicado **sinceramente acreditar que a penetração nessas pessoas podia curar a esterilidade nos seres humanos, de animais e da terra, e que pela atual união com os representantes humanos da deidade, eles poderiam receber auxílio dos deuses que trariam prosperidade para a humanidade.**

Brooks propõe que uma imensa quantidade de evidências sobre o assunto tem sido coletada por diversos estudiosos da sociedade, tais como Westermarck, Sir James Fraser, Sumner, W. R. Smith, S. A. Cook, Marett e Malinowski. **Os filhos dos que estavam unidos através do culto, seja por matrimônio regular, ou por matrimônio temporário, ou pelos excessos ocasionais de festivais importantes, eram considerados como as crianças dos deuses e desta forma, sagradas.** Por isso, sua posição no grupo social era considerada única, exclusiva. A origem de muitos heróis, histórica ou mitológica, tradicionalmente reivindica essa natureza.

Porém, haverá uma ‘contenção’ destas numa casta para que jamais ‘concorra’ com a reivindicação real de descendência divina.

A “ausência de um pai” - o Código Deuteronomico demonstrou muita preocupação em que o sentimento hebreu exige caridade para os “sem-pai”, assim como para as viúvas bem como para o estrangeiro. Como também estas três classes são mencionadas como merecedora da justiça, da piedade e do socorro. Em Salmo 68:5, Yahweh é “o pai dos sem-pai”. Muitas das crianças de culto foram provavelmente adotadas por causa da esterilidade do casal; acreditava-se que esta traria a boa sorte à família para ter uma descendência dos deuses – ou ainda porque o templo era incapaz de sustentá-las e, desta forma, os funcionários estimulavam a prática da adoção. Brooks considera que **o único caso específico de adoção na Bíblia Hebraica é o de Jefté** – não era esperado que ele herdasse a propriedade do seu pai como os outros irmãos. Assim, ele era o filho de uma *zonab* e seus irmãos o expulsaram, porque ele era “o filho de uma prostituta”. Brooks enfatiza que Feigin demonstrou que Jefté tinha sido adotado e o versículo de Juízes 11:1 é traduzido da seguinte forma: “E Jefté, o gileadita, era um valioso guerreiro; mas era filho de uma mulher, uma prostituta, Gileade o adotou”.<sup>277</sup> Entre os hebreus era usual dar nomes simbólicos para crianças nascidas sob os auspícios do culto; como por exemplo, as crianças de Oséias, a descendência da *'almab* em Isaías 7, a criança de Isaías pela “profetisa” e

provavelmente Samuel.

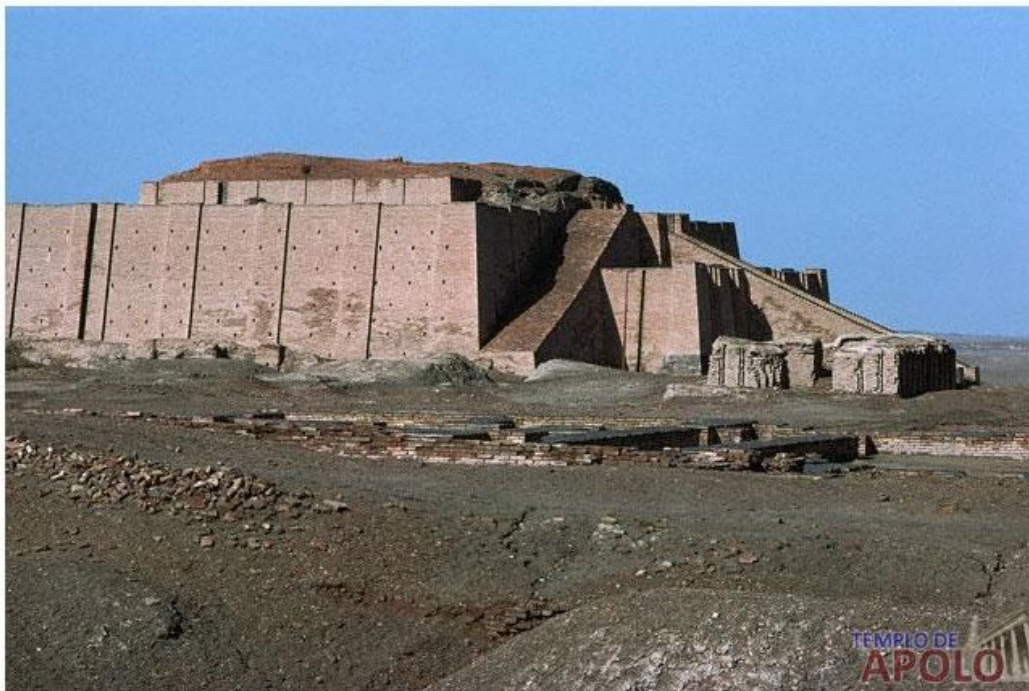
Brooks continua a afirmar que a *zonab* é mais freqüentemente mencionada do que outras classes de mulheres, que tinham sido consideradas como ligadas ao culto da fertilidade. A raiz verbal é utilizada por toda a Bíblia Hebraica para expressar a propensão de Israel a adorar deidades estrangeiras; “Israel tem agido como uma prostituta” ou tem “corrido incessantemente atrás dos outros deuses”.

A Bíblia Hebraica, dá maiores informações a respeito da *zonab* do que sobre qualquer outra classe das então chamadas mulheres sagradas. Elas recebiam pagamento (*ethnan*) dos seus patrões, que consistia em comida e roupas. Brooks corrobora que o *ethnan* era **análogo ao preço de uma noiva** e era uma das fontes de solução para o sustento do comércio local e de pessoas que viviam dentro destes precintos. Elas se ornavam deslumbrantemente com vestes escarlates, muitas jóias e cosméticos. (De acordo com Provérbios 7:10 e com a história de Tamar, elas poderiam ser reconhecidas pelos seus vestidos. Possivelmente o seu cantar atraía atenção, e possuíam uma marca especial na testa que as diferenciava das outras. Elas eram encontradas pelas calçadas “em todos os vales altos e debaixo das árvores verdes”, pelos utensílios e no chão trilhado. Viviam pelos portões da cidade (Tamar, Ezequiel 16:25 e Provérbios 7:12 Jeremias 2 20 Ezequiel 16 23 Oséias 9:1) (Rahab) ou nas suas próprias casas. Elas às vezes se casavam (Gomer), apesar do marido da *zonab* ser condenado em Oséias 2: 4, Ezequiel 16:1

O véu feito por Tamar tende a provar que a *zonab* era uma prostituta sagrada. O véu significava que a mulher pertencia a algum homem como esposa ou filha. O Código Assírio estipula severas penalidades impostas a certas classes de mulheres que não punham o véu em suas cabeças quando estavam nas ruas. A filha não deve apenas cobrir a face com o véu, mas a cabeça inteira escondida com drapejamento. A mulher casada e possivelmente a *sugêtim* ou concubina deveriam ter suas cabeças cobertas; a mulher cativa, a *qadištu* casada e a mulher impura deveriam ser veladas. Brooks declara que o Código especificamente afirma que a *Harimtu*, **uma prostituta secular, deveria estar sem o véu e ter a cabeça descoberta**, a *qadištu* não casada deveria ter a cabeça descoberta e a garota escrava deveria estar sem o véu. Jastrow, M. “*Veiling in Ancient Assyria*”. *Revue Archeologique Série 5, XIV, 1921, 209 ff.*, afirmou que o Código Assírio indica que a intenção original do velar a face erma para significar que a mulher pertencia a um homem. **A prostituta sagrada como uma possessão de uma deidade** era sem sombra de dúvida comumente velada no Oriente Próximo. **“Você tem a testa de uma prostituta e você não apagará para a sua vergonha”** O que distingue a característica, não é indicado em nenhum lugar da Bíblia Hebraica. **As devotas de Ishtar foram às vezes marcadas na testa ou na mão com o sinal de uma estrela.** Sobre a *shirkuti* babilônica, discutida por Dougherty, (Yale Oriental Series, Researches, Vol 2) tudo indica que ela tenha recebido esta marca. Elas foram dedicadas à deidade e definitivamente ligadas com o templo, mas não há nada que indica que elas foram prostitutas sagradas. **Uma é lembrada de Isaías 44:5 “Outra escreverá na sua mão, ‘do Senhor’.”** Meek, *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, Apr., 1923., XXXIX, 10 diz que **o tatuar nas mãos e no corpo do noivo em Cântico 5: 14 faz lembrar o fato de que os sacerdotes de Adonis semelhantemente tatuavam a si mesmos nas mãos.**

A *zonah* (prostituta) tipificada (ou em termos modernos, estereotipada) pelos profetas, principalmente por Oséias e Ezequiel, era o modelo do pior pecado de Israel, ao renunciar a Yahweh e buscar incessantemente outros deuses. Estas prostitutas sagradas foram chamadas *zonot* porque tinham sido ligadas com a adoração de deidades estrangeiras; a raiz significativa do verbo em diversas línguas semíticas (Árabe, Siríaco e Etíope) implica na idéia de penetração ilícita.

A Grande Deusa, **inicialmente conhecida como Inana**, mais tarde como Ishtar, dominava todo o berço da civilização no antigo Médio Oriente desde o início da História até cerca de 3.000 a.C.; e por todo o lado onde era adorada, a prostituição sagrada era um ponto fulcral do ritual sagrado. A **própria deusa Ishtar era identificada como prostituta**, e estando os templos (que ainda eram centros do poder religioso, político e económico na Mesopotâmia) cheios de sacerdotisas-prostitutas, o estatuto das prostitutas era elevado. Os diversos graus de sacerdotisas-prostitutas estavam bem documentados pelos babilónios (aproximadamente 2.400 a.C.), que registaram que as sacerdotisas da deusa Ishtar do grau mais elevado, **as entu, deveriam estar ao mesmo nível dos mais altos sacerdotes**. Tínhamos então **as entu e as naditu** inquestionavelmente sacerdotisas de mais elevado grau; abaixo delas existiam **as qadishtu** (à letra: mulheres sagradas) e as **ishtaritu**, cujas vidas e trabalho eram especialmente dedicados a prestar serviço à deusa Ishtar. Havia ainda uma classe de mulheres chamadas de harimtu, que alguns historiadores descrevem como prostitutas semi-seculares; o que provavelmente significa que trabalhavam tanto no interior dos templos como nas ruas. As harimtu que trabalhavam fora dos templos foram as primeiras prostitutas de rua da História, operando como independentes e numa base comercial. Ainda assim persistia a ligação entre sexo e religião, uma vez que as prostitutas de rua continuavam a ser vistas como mulheres sagradas, protegidas por Ishtar, e os seus rendimentos vinham sob a forma de oferendas em nome da deusa (Roberts, 1996).





Zigurate de Ur dos caldeus.





Torre da mesquita de Samarra – influencia da arquitetura Babilonica.

A Prostituição Sagrada ou *Hierà Porneía* era um fenômeno religioso, restrito aos templos e locais sagrados, como forma de culto a Afrodite, deusa grega da paixão. Através de relações sexuais com as *hierodoúlai* (servas sagradas), em honra à divindade e mediante a pagamento, gregos e viajantes buscavam o prazer e contato com o transcendental. Acreditava-se que elas eram esposas dos deuses e, portanto poderiam lhes conceder bênçãos, proporcionar fertilidade e prosperidade, além de poder interpretar as vontades divinas. Na Grécia, conforme registros históricos, haviam centros de prostituição sagrada nas cidades de Corinto, Pafos e Ámato, em Chipre.

Não raro, garotas começavam a se prostituir já aos doze anos, sacrificando a sua virgindade em forma de louvor e devoção, buscando serem agraciadas pela deusa. Algumas vezes, inclusive, a prostituição sagrada era uma forma de se obter dinheiro para o dote do casamento

**Havia também a crença de que Afrodite encarnava nessas mulheres e, desta forma, ocorreria uma junção do físico com o espiritual, provocando um sentimento misto de desejo e respeito nos homens e proporcionando um bem-estar que não era sentido fora desses templos:**

**Essa crença é base também nas Devassis acima de 44 anos que visitam fiéis em suas causas e agindo como médiuns ou intermediárias da divindade.**

O desejo sexual é profundamente intensificado pelo mundo espiritual. Temos as antigas religiões eróticas para nos lembrar dessa realidade.

Nos vales e pelas estradas de Israel os moradores cravavam postes ídolos, de madeira ou pedra, que eram postes com inscrições sagradas e partes esculpidas ou adornadas de divindades. Estes postes assumiam outras formas menos idôneas em milhares de locais.



Grande parte da religião da antiguidade era erótica, significava a existência de prostitutas e prostitutas cultuais que ofereciam-se em cerimoniais que envolviam atos sexuais explícitos. A prostituição ocorria porque a prática de sexo com os sacerdotes ou sacerdotisas do templo gerava a obrigação de ofertas que eram depositadas nos templos e utilizadas pelo sacerdócio daquele determinado templo, Começamos a visualizar a parte oculta, nefasta e absurda, a história que estava por detrás de todas as peças erguidas em milhares de locais. Por milhares de anos. Parte dos postes ídolos tinha forma fálica. Há uma triste lembrança deste fato numa visão dada a Ezequiel.

3 Ele estendeu o que parecia um braço e pegou-me pelo cabelo. O Espírito levantou-me entre a terra e o céu e, em visões de Deus, ele me levou a Jerusalém, à entrada da porta do norte do pátio interno, onde estava colocado **a imagem que provoca ciúmes de Deus.**

Ez 8.3

A imagem de ciúmes seria ou uma representação fálica ou uma imagem de uma divindade canaanita, possivelmente Aserá, que era uma deusa da fertilidade, com imensos seios

## MISOGINIA DO INFERNO

O ‘inferno’, o ‘reino das trevas’ ou qualquer nome que denomine os domínios dos poderes espirituais da maldade odeiam a mulher, o que ela representa, de modo pessoal. Odeiam a criação feminina talvez mais que a do próprio homem.

Na Ásia, infanticídio de meninas; na África, assassinatos por dote; no Oriente Médio, mutilações, nas Américas, tráfico de mulheres.

Inuit: meninas são deixadas na entrada de um iglu, na esperança de que outra família possa adotá-la – caso contrário, ela pode congelar até à morte. A outra alternativa é o sufocamento. A decisão de matar é usualmente tomada pelo pai, mas também pode ser tomada pela mãe, avô ou avó. λ Índia: causada provavelmente pela forte valorização masculina e desvalorização feminina, devido ao papel reservados aos homens nessas sociedades: patrilinearidade, provedores econômicos para os pais, mais velhos ou deficientes, funções vitais em rituais ancestrais. Às mulheres, a tradição reservaria apenas a função de subordinadas aos homens, peso financeiro e até sua definição em vários textos sagrados como uma propriedade. A origem da prática de infanticídio é desconhecida, mas ela foi bastante disseminada entre o final do século XVIII e durante o século XIX, e mais freqüente no nordeste da Índia (Gujarat e Uttar Pradesh), entre Kshatriya, e também no sul (Tamil Nadu), entre os Kallars de Madurai

Japoneses praticaram o infanticídio até o século XIX, sendo a maioria de crianças do sexo feminino.

A “política de filho-único” determinada pelo Partido Comunista Chinês foi implementada a partir de 1979, sob pena de altas multas e, até mesmo, perda de emprego, entre outras sanções, para não falar da burocracia necessária para obter a autorização estatal. Como os meninos são culturalmente preferíveis, a prática do infanticídio feminino tornou-se endêmica em algumas áreas do país, desde que a referida política entrou em vigor. O desequilíbrio de gênero resultante, entretanto, ficou mais acentuado depois de 1986, quando testes de ultra-som tornaram-se mais fáceis de realizar e provocaram abortos em massa de fetos femininos. A coisa tomou tal dimensão que, em 1994, o governo proibiu os médicos de divulgarem o sexo dos bebês durante o pré-natal. No total, estima-se que os chineses realizaram mais de 336 milhões de abortos, desde então.

Toda ocupação militar ocasionou a prostituição, forçada.

Após a liberação dos territórios ocupados pelos alemães dos países europeus, milhares de mulheres que tinham relacionamentos com soldados alemães foram expostas a execuções humilhantes e brutais nas mãos de seus próprios concidadãos. Era a “*Épuration Légale*” (“*purga legal*”), a onda de julgamentos oficiais que se seguiu à liberação da França e da queda do Regime de Vichy. Estes julgamentos foram realizados em grande parte entre 1944 e 1949, com ações legais que perduraram por décadas depois.

Ao contrário dos Julgamentos de Nuremberg, a “*Épuration Légale*” foi conduzida como um assunto interno francês. Aproximadamente 300.000 casos foram investigados, alcançando os mais altos níveis do governo colaboracionista de Vichy. Mais da metade foram encerrados sem acusação. De 1944 a 1951, os tribunais oficiais na França condenaram 6.763 pessoas à morte por traição e outros crimes. Apenas 791 execuções foram efetivamente realizadas. No entanto, 49.723 pessoas foram condenadas a “degradação nacional”, que consistia na perda total de direitos civis.

A campanha para identificar e massacrar os colaboracionistas do regime alemão puniu cerca de 30.000 mulheres com humilhação pública, por suspeita de que tiveram ligações ou porque eram prostitutas e se relacionaram com os alemães.

Estas mulheres foram reconhecidas como “nacionalmente indignas” e sofreram, além da degradante humilhação em público, penas de seis meses a um ano de prisão, seguida da perda total de direitos civis por mais um ano, quando ainda eram violentadas e insultadas nas ruas. Muitas não suportaram a vergonha daquela situação e sucumbiram cometendo suicídio.

Nisso tudo há ainda um aspecto que permaneceu vergonhosamente nas sombras por décadas: as crianças nascidas de soldados alemães. De acordo com várias estimativas, nasceram ao menos 200 mil dos chamados “*filhos da ocupação*”, mas estes sofreram menos que as mães, quando o governo limitou-se a proibir nomes alemães e o estudo da língua alemã. Entretanto não foram poucos os casos de “filhos da ocupação” que sofreram algum tipo de ataque e segregação.

A perseguição não se limitou a França, quase todos os países do bloco europeu de aliados fizeram o mesmo. Na Noruega, cinco mil moças que deram à luz filhos de alemães, foram condenadas a um ano e meio de trabalho forçado. Quase todas as crianças foram declaradas

pelo governo como deficientes mentais e enviadas para uma casa para retardados, onde foram mantidas até os anos 60.

Infelizmente não é tudo, a União Norueguesa para as Crianças da Guerra depois declarou que a “*desova nazista*“, como chamavam estas crianças, foi usada indiscriminadamente para testar medicamentos não aprovados. Somente em 2005, o parlamento norueguês publicou um pedido formal de desculpas a essas vítimas inocentes e aprovou a compensação para as experiências no valor de 3 milhões de euros.













**Mulheres de conforto** ou **mulheres de alívio** é um eufemismo utilizado para designar mulheres forçadas à prostituição e escravidão sexual nos bordéis militares japoneses durante a II Guerra Mundial. calcula-se que entre 50.000 e 200.000 mulheres tenham sido conscritas, mas ainda existem discordâncias sobre os números exatos. Historiadores e pesquisadores têm declarado que a maioria delas provinham da Coreia e China, mas mulheres das Filipinas, Tailândia, Vietnã, Malásia, Taiwan, Índias Orientais Neerlandesas, Indonésia (incluindo Timor-Leste) e outros territórios ocupados pelo Império do Japão também foram usadas nos "postos de conforto". Tais postos ficavam localizados no Japão, China, Filipinas, Indonésia, Malásia Britânica, Tailândia, Birmânia, Nova Guiné, Hong Kong, Macau, e no que então era a Indochina Francesa. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres\\_de\\_conforto\\_-\\_cite\\_note-3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres_de_conforto_-_cite_note-3)

## A SUBLIMIDADE DO AMOR EM CANTARES

A luz do que foi exposto nós lemos que a religião da antiguidade era imersa da prática sexual, onde a mulher era dignificada como sacerdotisa e tratada como prostituta, onde a muitas vezes a virgindade era um disfarce para uma condição de escravidão sexual. A religião antiga em centenas de culturas, explorava a sexualidade humana, explorava as moças e jovens nos santuários, misturando de modo torpe o sentimento religioso com o desejo sexual. A visão do feminino dentro do panteão divino, das antigas cosmologias era sempre uma referencia a triste condição feminina da antiguidade. As deusas retratavam em suas histórias suas desilusões amorosas, suas decepções, suas tragédias como mãe, filhas, irmãs, as traições dos deuses consortes, a escravidão, a servidão, as perdas. As mitologias gregas e hindu são pródigas em protagonizar através das diversas deusas a realidade humana das mulheres da antiguidade, sua subversão, sua submissão e a magia da sexualidade.

“ A maioria das divindades relacionadas a noite na Teogonia de Hesíodo, por exemplo, é composta por abstrações, símbolos terríveis para ordenar os ciclos da vida e da morte. Em sua Teogonia, Hesíodo afirma que são filhos de Nix (Noite): Moiro, de quem pouco se ocupou a mitologia; a negra Kera e Tânatos, todos os três vinculados à morte. Também pariu Hipno e deu à luz a tribo dos Sonhos. Depois, sem deitar-se com ninguém, pariu Momo, o doloroso lamento e as Hespérides, aos cuidados de quem foram entregues as famosas maçãs de ouro, que Hera recebeu por ocasião de seus esponsais com Zeus. A Noite engendrou ainda as Moiras, provedoras do bem e do mal, a quem os mortais chamaram Cloto, Láquesis e Átropos; e as Keres, vingadoras impiedosas que, em sua cólera sagrada, perseguem sem cessar aos mortais e mesmo aos imortais que cometeram delitos, a fim de infligir-lhes castigos exemplares. Finalmente, a funesta Noite pariu Nênese [a Vingança], açoite de todos os mortais, e encerrou sua descendência dando à luz o Engano, as Paixões, a terrível Velhice e, logo depois, a violenta Éris [a Discórdia] que, por sua vez, seria mãe do Esquecimento, da Fadiga, da Fome, das Dores que provocam o pranto, das Batalhas, dos Assassinatos, dos Massacres de seres humanos, bem como das Brigas, das Falsidades, dos Discursos, das Ambigüidades, das Leis Injustas, da Ofuscação, dos Amigos íntimos, das Cumplicidades e de Orco, aquele que maiores desgraças causa aos mortais quando alguém comete perjúrio de forma voluntária” Martha Robles.

Os cantos sagrados retratavam então a paixão e os desejos humanos, a malícia sexual, anunciavam um falsa santidade misturada a ritos de prostituição. Os “cantos de amor” dos deuses eram na verdade ficções entre seres inexistentes, divindades do sexo e da fertilidade cuja única utilidade era dar uma estética “sagrada” aos atos rituais nos quais esse “amor fajuto” seria representado com o corpo das adolescentes sacerdotisas e dos inumeráveis “fiéis” de toda espécie. A cantigas românticas dos templos de então eram LITURGIA preparatória para o sexo sagrado, lindíssimas canções que evocavam sentimentos inexistentes de deuses que um dia foram somente seres humanos, até serem divinizados. A gênese dos deuses da antiguidade era baseada em antepassados mortos, a religião antiga que

dará origem a todos as “teogonias” ou mitologias do mundo se iniciaram com oferendas sobre os túmulos dos antepassados. Seja dos indígenas Sioux, dos gregos, dos medo-persas ou dos povos africanos. Deuses pessoais ou familiares de uma família se tornariam os deuses públicos de uma clã e um dia, consagrados como deuses públicos nacionais. Os deuses eram a maioria, na verdade, pessoas de uma época imemorial que atingiram o status de divindades. E depois foram mitificados, tiveram sua origem recontada, acrescida do fantástico, do mítico e do mágico, quando deixam de lado as características humanas e se tornam seres espirituais. Nesta visão, amor humano sublimado ao divino, era o fio condutor das paixões dramatizadas em diversos rituais, regados a vinho e afrodisíacos.

Então o Espírito de Deus entoará em conjunto com o filho de Davi, tão amado quanto, um canto sagrado que desconstruirá todo o mundo mágico da antiguidade. O cântico é uma canção humana, absurdamente humana, onde um jovem se apaixona por uma princesa cuja família fora expulsa do palácio, onde um rei se disfarçará de pastor para correr atrás de uma caçadora de raposas, onde um nobre renunciando sua alta posição procurará. Paquerará, conquistará e roubará o coração da jovem camponesa. Não será uma paixão que conduzirá a uma tragédia, ou a vergonha, ou ao esquecimento, antes o rei a busca para honrar. Ela não é convocada para ser uma prostituta, antes será honrada com um casamento, e ao final ainda gerará uma bela filha ( Ct 8). Nos cânticos sagrados da antiguidade deuses que não eram deuses cantavam canções de uma amor que jamais existiu porque eram somente ficção religiosa, romances eróticos de autores desconhecidos sobre personagens fictícios. Em Cantares o Espírito de Deus lançará mão de um amor verdadeiro ( Salomão por Sunamita) para cantar o seu amor real, que se cumprirá de inúmeros modos, confirmando-o com suas promessas e mesmo sua própria vida. A história da salvação é CANTADA de modo lúdico e admirável através de Salomão, e os símbolos de Cantares irão de encontro a todas as realidades proféticas das Escrituras, refletindo de modo especial ao sacerdócio, que simbolizava sobre tudo, Deus presente com seu povo.

A beleza impar de Cantares é o fato de ser um canto sagrado, onde o Espírito de Deus santifica sem necessitar mitificar, onde uma paixão adolescente é usada de modo espiritual sem a necessidade do fantástico ou do sobrenatural, sem nada mais do que o humano Deus contará TODA SUA TREMENDA HISTÓRIA SOBRENATURAL, de um jeito doce, não com a “turbulência” da profecia, a tremenda manifestação de poder de visões, revelações ou operação milagrosa. Não será necessário contar sobre os grandes feitos do Senhor, o mar vermelho, o fogo caindo sobre o monte onde Elias esperava a ordem, para falar de assuntos transcendentais. Serão reminiscências divinas, as memórias das suas coisas – apesar de passadas e futuras – que se interlaçarão a doçura da canção.

*“Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura, o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, são veementes labaredas. As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado.” Ct 8.6-7*



O amor desafia afrontosamente ao poder que mais alvoroça os sentimentos dos homens, que desafia ao dinheiro, ao prestígio, à fama e ao poder que destroniza reis, que lança por chão a soberba humana, que enterra na cova dos pobres aos altivos desta terra e que nivela o arrogante ao humilde, o déspota ao servo errante. A morte afronta aos poderosos, afronta a sociedade, a ciência humana, a soberba do homem. Mas não é capaz de declarar-se vitoriosa diante do amor. E mesmo que o fosse por milênios, na ressurreição de Cristo a morte é afrontada com a verdade desta essência imortal, poderosa e deslumbrante. O cântico dos cânticos PROFETIZA a vitória de um poder que é tão grande quanto o poder da morte. E avança na declaração dizendo que este amor gera CIUME, um CIUME tão monstruoso, tão aterrador, tão poderoso, que as sepulturas não são mais resistentes do que ele. E que as suas brasas são maiores do que as sepulturas, cujo fogo é veemente, incansável, inextinguível. E é por causa deste CIUME que a morte não poderá SEPARAR do AMADO a vida de sua amada. A morte não resistirá a tamanho amor. Não poderá conter aos redimidos em seu seio, ou os que morreram aguardando a vinda do Amado sob seu poder. Paulo declarará de outro modo esse epíteto:



“Quem nos SEPARARÁ do AMOR de CRISTO? A morte, ou os principados?”

Fruto de idêntica inspiração.

Nossas vidas são limitadas aos nossos dias que passam ligeiro. Trazemos conosco memórias, carregamos a esperança no colo. Nosso mundo envelhece juntamente conosco, basta ver uma foto do jardim da infância ou das ruas de nossa cidade transformadas pela urbanização. Nossa história muda no decorrer dos anos, assim como nossos relacionamentos, nossos projetos. Alguns sonhos se realizam, outros se desfazem, sofremos perdas e alcançamos gigantescas vitórias. Somos marcados por pessoas. Marcados por amizades, ou por inimizades, pelo afeto que deixou marcas ou pelas perseguições que do mesmo modo deixaram em nós marcas na alma. Cantares canta um momento da vida de dois jovens enamorados. E se pudéssemos transcender a história dos dois enamorados até a história divina? Nosso ontem retrocede até nosso nascimento. Nosso amanhã vai até nossa sepultura, caso não aconteça algo sobrenatural, humanamente falando. Cristo muda dramaticamente essa métrica. Porém a história de Deus se inicia, por assim dizer, na eternidade passada, ou no passado da eternidade e finda...não. Não finda. Mas independente de não ter início e nem fim, Deus possui uma história. Ele também possui marcas deixadas por afetos e inimizades em sua essência. Em sua memória, em suas obras, em suas realizações. A história divina é profundamente impactada pela nossa. Por mais paradoxal que possa parecer este enunciado.

Para torná-la inteligível, compreensível a nós Ele a retratou em Cantares. Toda ela. O amor de Salomão e Sunamita é uma dança, um cântico, um drama, uma canção. Nessa canção o Espírito entoará um cântico de amor, a sua própria canção. Em cada passo da dançarina de Cantares ele verá a dança da Sunamita Celestial, que representará o seu amor pela Igreja terrena e pela misteriosa e invisível Igreja Celestial. Aquela que aparece num momento assombroso lá no Livro de Hebreus, a multidão de espírito dos justos aperfeiçoados e aos incontáveis anjos.

Este é o mais fabuloso verso do cântico da existência. Traduz a redenção, afronta a morte, a coloca no seu devido lugar. Profetiza a manifestação de um poder que é capaz de confronta-la de igual para igual. É o ápice de Cantares, é a mais profunda declaração divina sobre a essência do Amor. E da obstinação do Calvário e de Cristo. A morte não poderia conter ao amor de Deus manifestado em Cristo. E mesmo que a morte pudesse enfrentar ao amor, não poderia enfrentar a ira que dele procede, ao CIUME.

O Ciúme é a paixão em trajes de guerra, quando a moça percebe que a OUTRA deseja para si o afeto a que não tem DIREITO.

As Escrituras afirma que o Espírito tem CIÚMES de nós. Significa que a morte pode até nos cortejar. Pode até se aproximar. Ou nos envolver. Mas pelo ardente desejo que o espírito de Deus possui pela nossa alma, não permitirá que nos PERCAMOS. Que pereçamos. Ou que venhamos a PERMANECER mortos. Digo isso a respeito de nossos corpos. Jesus nos ama, integralmente. Sua morte abrange a totalidade do que somos. Até os fios de cabelos de nossa cabeças estão devidamente registrados. Quando o CIÚME do Espírito se manifestar, o universo VOMITARÁ nossos corpos. Terá que renunciar até aos átomos espalhados.

Porque ele anseia que VIVAMOS com ele, enquanto ELE VIVER.

O selo sobre o coração significa pegar o anel de selo com cera quente e fazer uma marca no peito. Uma tatuagem. E sobre seu braço. Para toda a eternidade estará gravado no coração de Deus as nossas orações. As nossas intercessões. As nossas lágrimas. As tremendas batalhas travadas. E não somente no coração, no Espírito de Deus, mas em seu braço. O braço simboliza FORÇA. Representa ao PODER, a ONIPOTÊNCIA de Deus. O sacrifício e a existência humana não ocorreu em vão.

O verso é tão paradoxal que muitos tradutores não quiseram colocar o nome divino no texto e traduzem “labaredas do Senhor” como “veementes labaredas”, em virtude de comparar o ciúme do amor humano, ciúme fruto da paixão entre o homem e a mulher exaltados ao nível do fogo sagrado que representa o poder e a santidade divina. As visões de Ezequiel retratarão um anjo que retira brasas vivas do trono, o fogo do altar era inextinguível e sobre ele era queimado o cordeiro que simbolizava a Cristo. O fogo simboliza o juízo divino, simboliza o fim da morte, o fim dos poderes das trevas, é parte do olhar de Jesus na visão dada a João na ilha de Patmos.

Os sentimentos humanos não existem por acaso. Até deles existem uma imagem, uma representação espiritual. Há sentimentos na eternidade!

Se o ciúme é tratado com tanto valor, tão dignificado que se compara ao fogo divino, podemos imaginar que eles são parte do plano de Deus, são parte integrante do universo divino, e que uma vez que a criação for LIVRE do poder do pecado e de suas marcas, continuarão a ser exercidos, incontaminados. Sem nenhuma condenação.

Há nas visões sobre o céu uma tendência a destruição dos sentimentos. O Budismo reclama que o estado de integração máxima entre o humano e o divino se alcança através da SUPRESSÃO dos sentimentos. Os sentimentos são tidos como sinal de FRAQUEZA. Quando os teólogos falam sobre sentimentos em Deus eles usam o termo ANTROPOMORFISMO, como se os sentimentos fossem uma falha humana, e que ao imaginarmos tais características em Deus é porque nos o “humanizamos”. Parte da filosofia e da ciência estabeleceu um conceito de conhecimento desvinculado do sentimento, o racionalismo estigmatizou o sentimento em detrimento da intelectualidade. No filme “Lucy” (2014) a personagem principal vai perdendo os sentimentos na medida que sublima suas capacidades intelectuais e há uma cientologia que concede o tom à ficção, que reitera de modo sutil a condenação aos sentimentos como um subproduto, um pedaço da alma que atrapalha ao crescimento. Diversos filmes abordam atualmente uma temática de que uma sociedade perfeita é uma sociedade que suprimiu seus “instintos básicos” através de drogas (Milenium, O Doador de Memórias, etc) para trazer a “paz” a humanidade. Nietzsche estabelecia o dogma do “super-homem” desprovido de sentimentos, desprovido de compaixão, misericórdia, estigmatizando ao cristianismo pelo seu deus “fraco” que demonstrava sua “fraqueza” através de sua compaixão pelo ser humano. As histórias em quadrinhos são repletas de seres fantásticos que batalham contra a terra e contra os seres humanos, e sempre acusam os defensores da terra de serem mais “fracos”

por causa de seus sentimentos. O livro de Nietzsche, Assim falou Zaratustra trás um pseudo-profeta que vocifera acusações a fraqueza dos sentimentos e da compaixão. Hitler substituiu a visão religiosa das suas tropas exaltando figuras nórdicas e trazendo do panteão mitológico os lendários deuses da guerra que ignoravam a dor, a compaixão e o medo nas batalhas. O amor era completamente contra os ideais nazistas do controle. O capitalismo se baseia num mundo destituído de sentimento. Os grandes negociadores não se importam com a falência de centenas de empresas, com a demissão de milhares de empregados e a dissolução de milhares de famílias, desde que alcancem a margem de lucro desejada. Os processos de transformar homens em guerreiros passam pela sua “desumanização”. Apresentem a desprezar a dor alheia, do mesmo modo como o processo da criação de feiticeiros. Os rituais que fazem exumação de cadáveres, os assassinatos de crianças, as práticas macabras tem uma função. Fazer com que não se importem com quem irão destruir com suas invocações. Não podem sentir pena, compaixão ou amor pelas vítimas de seus feitiços. Porque se não produzirão o “poder” necessário para a realização do mal.

Quando Salomão declara que o “ciúme são as labaredas do Senhor” ele está falando da imagem divina em nós. De uma semelhança angelical. Eles não rejubilam como uma figura de expressão. Por isso os anjos dançam. Porque SENTEM.

Esse verso aponta para a realidade de uma VIDA que SENTIREMOS no povir e que EXPRESSAREMOS de um modo semelhante ao que expressamos hoje. Só que de um modo aperfeiçoado. A glorificação não nos muda a ponto de não termos raiva, alegria, ciúme, incapacidade de sofrer, amar, rir, sonhar. Despidos de algumas características humanas que pertencem somente a este universo, mas completos como filhos de Deus. A beleza ainda nos emocionará, os cheiros, os odores, os sons, os cânticos, a ternura, o carinho. O abraço.

Há surpresas sobre o futuro e DESLUMBRAMENTO com sentimentos que ainda não temos. O modo como o Espírito percebe as coisas é mais profundo e mais consciente do que nós percebemos os sentimos. Nós somos “anjos embotados”. O ser humano é para a eternidade aquilo que um gripado é para uma lauda refeição. Ele até sente o gosto, mas não na sua plenitude.

Põe-me como selo sobre o teu coração



## Selo Sumeriano



## Anel de Selar egípcio



Um selo hebraico da antiguidade com hebraico antigo, **similar ao hebraico com que o livro de Cantares foi escrito.**

O Selo na antiguidade era uma marca criada a partir da punção ou rolamento de uma peça entalhada em baixo ou alto relevo sobre um material maleável que enrijecesse ao esfriar ou secar. Como argila ou cera. Os selos significavam uma autenticação, que o produto era de origem conhecida. Significava a autenticação de documentos de estado, dos produtos de alta qualidade. Cada selo era único. E de difícil cópia. E havia um cuidado especial para que os selos não caíssem em mão errada. Eram a assinatura que validava os documentos



oficiais. Atestavam autenticidade. Atestavam a procedência. Equivale aos selos das marcas, aos logotipos que identificam os produtos e a sua qualidade.

O selo simboliza uma marca indelével, feita para durar.

Por como selo sobre o coração é o pedido de pegar um rolo e passar com ele sobre o coração deixando um alto relevo, uma marca que jamais se apagaria. A Sunamita anseia ser esse selo, essa marca no coração de Salomão.

Ser “selo” para alguém é algo extraordinário. Pessoas que “marcam” a nossa vida não o fizeram gratuitamente. Elas não podem inventar isso. A não ser de modo ruim, através de feridas tais como a desonestidade, a mentira e a violência. Jesus recebeu a marca da traição que ficou gravada nele a partir de um beijo. Mas as marcas de valor, as de afeto, ternura, bondade, benignidade, socorro, não dependem de quem as quer fazer. Dependem das circunstâncias da vida, não estão sobre o nosso controle. O nascimento de um filho marca de modo profundo uma família, mas não foi por esforço dele. O resgate após um acidente, o impacto de um professor extraordinário, a marca deixada por um amor verdadeiro, que não dependeu de uma estratégia, acontecendo independente da vontade. Alguém que não conhecíamos passa a fazer parte de nossas vidas em um determinado instante e quando vemos, estamos casados em com dois filhos... Coisas que não dependem do nosso esforço. Participamos da vida das pessoas e as circunstâncias que não controlamos podem nos tornar selos. Atos de coragem, de ousadia, de desinteresse, de amor, realizados em momentos de necessidade, tornam para nós os seus fatores, selos que marcam-nos para sempre. Experiências únicas. Circunstâncias extraordinárias e externas a nós nos conduzem até os “selos”. Assim como nos conduzem a ser “selo” de alguém.

Não podemos forçar a alguém a nos tornar um “selo” para ela. Os fãs adorariam marcar a vida de seus astros. Gostaríamos de conhecer pessoas e sermos importantes, marcantes, inesquecíveis para elas. Mas tais coisas não se conseguem artificialmente. Os que tentaram seduzir a amizade ou o afeto a partir de planos, de estratégias artificiais simulando a coincidência, só tiveram êxito em sua missão se no decorrer dessa empreitada, possuíam mais que palavras, tinham conteúdo, forjaram a partir dessas situações “fake” marcas REAIS. Ninguém consegue manter as aparências por muito tempo. E marcas mentirosas feitas para parecem reais quando descobertas como falsificações geram um mar de problemas. Um falsificador de um selo real era punido com a morte. Milhares de casais se separam por terem simulado sentimentos, por terem simulado afeto inexistente, por terem se comportado de um modo interesseiro, limitando-se em nome do dinheiro, do conforto, do desejo ou sabe-se lá por quais razões.

A Sunamita Celestial pede que ELE mesmo faça essas marcas. Que ele a tome em suas mãos como se fosse um rolo e imprima em seu coração uma marca que jamais passe.

“eu anseio ser importante para tua vida, tão importante que você me carregue contigo para onde for, e jamais esqueça de mim, não importa o que esteja fazendo!”

E Cristo fez isso. Ouviu a voz de Sunamita. Ouviu o desejo de sua Igreja. Tomou-a e a marcou nele mesmo. O corpo que Maria lhe cedeu na encarnação é parte desse mistério. Ele foi envolto em um corpo humano, envolto em fraqueza, participando de nossos sofrimentos. Estamos indelevelmente unidos e gravados em Deus. Para sempre. A voz dos seus filhos ressoa altissonante em seu coração. Quem se faz participante da Noiva, é parte deste SELO.

Não há louvores que sejam esquecidos, não há uma lágrima perdida. Não há um suspiro dado em vão. Não há abandono de nossas vidas, apesar de nossas falhas. Jamais deixaremos de ser ouvidos em oração.

Essa é a razão de Cristo levar sua noiva para os céus. Porque ele não pode mais estar DISTANTE dela, ele já a carrega na mente, nos sonhos, nas intercessões, nas lágrimas derramadas em seu ministério, nas atitudes e ações que hoje toma a Direita do Pai.

A selagem era feita para ser inalterável e durar por muitos dias. Algumas marcas e inscrições em alto e baixo relevo de 4000 anos atrás podem ser observados em alguns museus, exposições arqueológicas e universidades.

Quando as eras do futuro chegarem, e o Juízo for manifesto na terra, ou os mortos forem chamados para serem julgados de suas obras. A Igreja ainda estará “tatuada” no coração de Cristo. Quando Deus estender suas mãos e disser ao universo: “Cesse!” e todas as galáxias se contorcerem e colapsarem, quando toda a matéria e energia forem reabsorvidas para Ele e ele criar um Novo Universo, enquanto ele diz as palavras finais que fazem todas as estrelas deixarem de existir, em seu Espírito está em alto relevo a imagem de sua Igreja.

Quando os demônios e anjos que caíram forem julgados pelo abandono de sua ordenação, ainda estará ARDENDO no coração de Deus o amor pela sua Igreja.

Forte como a morte. A morte não possui os recursos necessários para vencer o amor declarado na cruz, imposto através da ressurreição, manifesto através da encarnação, anunciado pelos profetas e até por anjos.

O verso mais profundo das Escrituras – isso mesmo que você leu –

Possui várias figuras, ELE VAI CRESCENDO EM INTENSIDADE ATÉ ALCANÇAR O PATAMAR MAIS ELEVADO DE PODER, DEUS.

SELO , CORAÇÃO, AMOR, FORTALEZA

MORTE, SEPULTURA, CIUMES, BRASAS

LABAREDAS , SENHOR

O amor é comparado a um fogo que vai ardendo, do brasa até alcançar a dimensão de labaredas.



Do carvão até um incêndio, de um incêndio até a explosão de uma bomba H, o fogo constitui uma das mais poderosas manifestações da energia.

A maior manifestação de energia conhecida pelo ser humano é visível todos os dias. O sol de perto é incandescente. Ele eleva de sua superfície labaredas que percorrem milhões de quilômetros.



São de magnitude maior que a terra. Se estivéssemos mais próximos do sol durante uma tempestade solar, deixaríamos de existir.

O fogo era um dos componentes dos cerimoniais do Antigo Testamento, fazia parte do altar, e continuamente abastecido de madeira e carvão para jamais se apagar. O altar ficava

na parte exterior do santuário, mas, estava também presente no interior do mesmo, nas lâmpadas do candelabro de sete pontas.



Estas duas chamas separadas, a do altar e a do candelabro jamais deveriam se apagar. Na verdade elas permaneceram por centenas de anos acesas ininterruptamente. Somente com a destruição de Siló essas chamas foram apagadas, o que significa um período de no mínimo 369 anos acesos. O culto levou essas chamas para o templo de Salomão, onde um novo altar e novos candelabros permaneceram acessos por cerca de 400 anos. O templo de Salomão original foi destruído por Nabucodonozor, um novo foi erguido, chamado o segundo templo, cerca de 70 anos após esse evento. Quando Jesus nasce esse segundo templo possui também chamas acesas há mais de 400 anos.

Há um simbolismo profundo nas chamas. Elas evocam juízo, destruição, poder. E em Cantares o poder da paixão, a força do amor. Jesus transfigura-se em luz diante dos discípulos e em Apocalipse aparece com as pernas incandescentes (brasas) e seus olhos como labaredas de fogo. Jesus está “vestido” em Apocalipse de Cantares 8.6.

O amor em Cristo RESPLANDECE. Não é somente juízo, ou poder. Acostumamos a pensar no poder de Deus em coisas como tempestades, maremotos, vulcões, estrelas, nebulosas, na criação do universo ou na abertura do mar vermelho. O cósmico nos declara PODER divino ilimitado. Mas, o amor de CRISTO é tão poderoso quanto a FORÇA de DEUS. Há uma dimensão de PODER indescritível no tremendo AMOR manifestado para a SALVAÇÃO.

## PARALELOS EM ESTER

As Escrituras vão muito além nos seus paralelos com o mundo mágico, mítico e religioso da antiguidade do que a semelhança com essa ou aquela festa pagã. Ela transita entre todos os mundos, literários, sociais, religiosos, míticos e mágicos, propositadamente. As profecias na boca dos profetas, as visões do espírito de Deus e qualquer ato miraculoso ou prodígio profético desde o instante em que Arão joga sua vara que se transforma em serpente na frente dos magos egípcios, até a ressurreição de Cristo, são atos de afronta, de comparação, de desmitificação, de aprofundamento de milhares de anos de religião, debaixo do descalabro da loucura humana. E todas as formas religiosas da antiguidade serão contrastadas com as verdades espirituais e as revelações dadas pelos profetas, sem ficar absolutamente nada de fora. E com Tamuz e Ishtar ou Astarte, não seria diferente. Os profetas enfrentaram os mitos religiosos ainda em sua formação, a história da profecia bíblica acompanha os ritos mágicos, as religiões em transformação, a fusão de conceitos, a mudança de rituais, as visões cosmológicas e toda imaginação mágica da humanidade. Ishtar será ‘convidada para dançar’ pela vida e profecia na boca de Oséias, através da história de Gomer, as deusas da fertilidade serão expostas no seu caráter de prostitutas e de devassidão sexual inúmeras vezes deixando bem claro o conteúdo de licenciosidade dos cultos e seu caráter comercial. Os sacrifícios humanos serão execrados e até as cidades cuja religião se baseou na morte de crianças será tida como coisa maldita, destinada a destruição. Tamuz será objeto do choro de mulheres Israelitas e isso conduzirá a rejeição de um casamento espiritual, do abandono de uma presença santa e sobrenatural do templo, a shekinah, a glória divina, que dará as costas a uma geração que de costas para a arca do concerto, chorava a morte de um deus inexistente. Quando Ester nascer, haverá um acerto de contas profético com esse amante falsificado, divindade figurativa, consorte e amante sem poder, que inclusive morre na história mítica, que só servia para atender os anseios da esposa-deusa insaciável e apoiar a legitimação do trono de outro, até que a próxima festa ocorresse, ao menos, de rei-temporário qualquer.

Há um patamar de paralelos que vão se desdobrando no decorrer do livro de Ester.

O nome Mordecai, que não tem sentido em hebraico, é apenas uma forma levemente modificada de Marduk ou Merodach, nome do principal deus da Babilônia, cuja grande festa era o Zakmuk; e mais, admite-se geralmente que Ester é, da mesma forma, equivalente a Ishtar, a grande deusa babilônica chamada pelos gregos de Astarte e conhecida também como Ashtaroth.

O Espírito de Deus recontava de modo magistral a história de Marduk e Ishtar através de Mardoqueu e Ester! A doçura com que ele retrata aspectos da história e da providência são uma releitura da devassidão de um modo muito casto. A essência das festas possui significados espirituais, mas o que se fazia era puro bacanal. ***A religiosidade da antiguidade tem motivos bons, mas de prática abominável.*** Ao aproximar-nos do mundo mágico o Espírito age como quem esculpe gemas preciosas, com olhar crítico, com habilidade de um mestre, ele trabalhará as histórias para deixar o que do contexto da imaginação mágica humana, não está envenenado. O que não é mortal ao consumo espiritual, o que não foi deturpado.

Todas as Escrituras mergulham de cabeça, por assim dizer, neste contexto mágico da antiguidade, e somente o Espírito de Deus poderia nadar em águas tão contaminadas pela espiritualidade pagã e nos conceder os recursos evangelísticos necessários para falar de coisas espirituais verdadeiras, a partir de um contexto tão religioso.

Zoganes da festa de Sacaea pode ser visto em Aman e Mordecai. Zoganes, durante seus cinco dias de função, personifica não apenas um rei, mas um deus, fosse ele o babilônico Marduk ou qualquer outra divindade ainda não identificada. A união das personagens divina e real numa única pessoa é tão comum que não nos devemos surpreender de encontrá-la na antiga Babilônia.

E a interpretação de que o rei simulado da festa Sacaea morria como um deus na cruz ou na forca não é nova. O arguto e erudito Movers observou, há já muito tempo, que "estariamos esquecendo a significação religiosa das festas orientais e a ligação da festa Sacaea com o culto de Anait se tratássemos como simples brincadeira o costume de fantasiar um escravo de rei. Podemos considerar como certo que, com a dignidade real, o rei da festa Sacaea assumia também o caráter de um governante oriental representante da divindade, e que, quando buscava o prazer com as mulheres do harém do rei, desempenhava o papel do próprio Sandan ou Sardanapalo. **De acordo com as antigas idéias orientais, o uso das concubinas reais constituía um título de pretensão ao trono**, e sabemos, por Dio, que o rei de cinco dias tinha plenos direitos ao harém".

Unindo as tradições mágicas da antiguidade

“Também inclinamo-nos a encarar com simpatia a conjetura suplementar de Movers de que uma escrava pudesse ser escolhida para desempenhar o papel da rainha divina, associada ao papel de rei divino que cabia ao Zoganes, e que reminiscências dessa rainha sobreviveram no mito ou na lenda de Semíramis. De acordo com a tradição, Semíramis era uma bela cortesã amada pelo rei da Assíria, que a desposou. Ela conquistou o coração do rei a tal ponto que o convenceu a ceder-lhe o reino por cinco dias e, tendo assumido o trono, empunhado o cetro e envergado as vestes reais, organizou um grande banquete no primeiro dia, mas, no segundo, fez encerrar o marido na prisão ou o mandou matar e, a partir de então, reinou sozinha. Além disso, já se mostrou que o culto da deusa persa Anait não só foi modelado pelo culto de Astarte em geral, mas que corresponde também à modalidade particular desse culto que se associava especificamente ao nome Semíramis.”

“A identidade de Anait com a mítica Semíramis é evidentemente provada pela circunstância de que o grande santuário de Anait em Zela, no Ponto, **foi, na realidade, construído sobre um túmulo de Semíramis**. Provavelmente o antigo culto da deusa semita tivesse perdurado mesmo depois de ter sido o seu nome semita Semíramis ou Astarte modificado para o nome persa Anait, talvez em obediência a um decreto do rei persa Artaxerxes II, que difundiu esse culto pelo oeste da Ásia. É muito significativo não só que a festa Sacaea fosse realizada anualmente nesse antigo local de culto de Semíramis ou Astarte, **como também que toda a cidade de Zela houvesse sido primitivamente habitada pelas escravas e prostitutas sagradas, governada por um sumo pontífice que a administrava mais como um santuário do que como uma cidade**. Podemos supor que, anteriormente, esse rei sacerdote tivesse, ele próprio, encontrado morte violenta durante a festa Sacaea, como o amante divino de Semíramis, enquanto **o papel da deusa era desempenhado por uma das prostitutas sagradas**.”

**A probabilidade de que assim fosse fica muito fortalecida pela existência do chamado túmulo de Semíramis sob o santuário. Isso porque os túmulos de**

**Semíramis, distribuídos por toda a Ásia ocidental, teriam sido os túmulos de seus amantes, aos quais ela enterrava vivos.** Segundo a tradição, a grande e sensual Rainha Semíramis, receosa de contrair matrimônio legal para que seu marido não a privasse do poder, **admitia em seu leito os mais belos soldados, mas para depois destruí-los.** Ora, essa tradição é uma das indicações mais seguras da **identidade da Semíramis mítica com a deusa babilônica Ishtar ou Astarte.** O famoso poema épico babilônico que narra os feitos do herói Gilgamesh nos conta como, quando este se vestiu com os **trajes reais e colocou sua coroa na cabeça, a deusa Ishtar tomou-se de amores por ele e o cortejou para seu consorte.** Mas, Gilgamesh rejeitou suas insinuações insidiosas, pois **conhecia o triste destino de todos os seus amantes,** e censurou a cruel deusa, dizendo:

*"A Tamuz, o amante da tua juventude, Fizeste-o chorar a cada ano. Ao colorido pássaro allallu amaste: Nos bosques ele está, e se lamenta: Ó minhas asas!" Amaste o leão de força perfeita, Sete vezes sete armadilhas lhe preparaste. Amaste o cavalo que pelos campos se alegrava E com chicote e esporas e rédeas o fizeste marchar. E o obrigaste a andar por sete duplas horas, Forçando-o quando estava cansado e sedento. A tua mãe, a deusa Silili, fizeste-a chorar. Também amaste um pastor do rebanho, Que constantemente te enchia a taça para as libações E todos os dias abatia carneiros para ti. Mas tu o golpeaste e o transformaste num lobo Para que seus próprios companheiros o perseguissem E seus próprios cães o estraçalhassem".*

O herói também conta o fim miserável de um jardineiro a serviço do pai da deusa. **O desafortunado camponês foi honrado com o amor da deusa, mas quando ela se cansou dele, transformou-o em aleijado, de tal modo que ele não se podia levantar da cama.** Gilgamesh receia, portanto, ter a mesma sorte de todos os antigos amantes da deusa e rejeita os favores que ela lhe oferece. **Mas não é apenas o mito de Ishtar que se assemelha assim à lenda de Semíramis; o culto da deusa era marcado por um desregramento que encontra eco no caráter licencioso que a tradição atribui à rainha.** Inscrições, que confirmam e complementam as evidências de Heródoto, nos dizem que **Ishtar era servida por prostitutas de três diferentes classes, todas dedicadas ao seu culto.** Na verdade, há motivos para se acreditar que essas mulheres personificavam a própria deusa, já que um dos nomes a elas dado é aplicado também a Ishtar. Assim, dificilmente podemos duvidar de que a **Semíramis mítica seja substancialmente uma forma de Ishtar ou Astarte,** a grande deusa semita do amor e da fertilidade; e, se assim é, podemos supor, com uma margem pelo menos razoável de probabilidade, que o sumo pontífice de Zela, ou o seu representante, que desempenhava o papel de rei da festa Sacaea no santuário de Semíramis, **percia como um dos infelizes amantes da deusa, talvez como Tamuz, a quem ela fez "chorar a cada ano".** Encerrada a sua breve e meteórica carreira de prazer e glória, seus ossos seriam colocados no grande túmulo que cobria os restos de muitos deuses mortais, seus antecessores, aos quais a deusa havia honrado com o seu amor fatal.

O Messias um dia representará um dia todas essas realidades espirituais, deturpadas. A igreja será chamada a Noiva, que desprovida de divindade é convidada a participar da natureza divina. Ishtar é deusa, a Igreja é humana. Ela se unia a humanidade através da prostituição cultural. Deus se unirá a humanidade através de uma virgem pelo Espírito de Deus, sem uso de energia sexual. Na medida que enxergamos os detalhes das celebrações aos deuses da natureza, da fertilidade e os ritos de legitimação dos reinos da antiguidade, nós vamos caminhando igualmente no aprofundamento da obra de Cristo.

ADENDO

POR AMOR A GOMER

*“Tenho medo de ir em direção onde minha alma dança onde meu espírito exulta lá onde as labaredas rugem onde o chão estremece e os raios caem. Tenho medo de ir em direção aos ventos assustadores da minha alma em euforia de riso incontido em meio a sua gritaria alegre. Tenho medo da minha alma bêbada sabe se lá de onde vem tudo isso e onde encontrou tão formidáveis vestidos e quem lhe colocou tornozeleiras com sinos e essas pulseiras multicolors. tenho muito medo da minha alma quando corre como uma criança pelos corredores da imaginação.”*

Gore Vidal em seu livro *Criação* retrata uma ficção histórica onde o protagonista faz certa peregrinação até a antiga capital de Babilônia no dia das festas de Marduque que legitimava de certo modo ao trono do império sumério seguindo as tradições de ascendência real das antigas divindades. No caso específico o parentesco divino não era orientado por uma filiação antes por um casamento. Contavam antiquíssimas lendas que a deusa Ishtar apaixonou-se por um homem e tornando-se humana desceu a terra e casou-se com aquele que seria o primeiro rei de uma linha de sucessão que se perdia na aurora dos tempos. Do fruto dessa paixão insana, contrariando as próprias leis divinas e recebendo por tal rebeldia dura punição, nasceriam os ritos de consagração real e as festas religiosas onde o primeiro rei seria elevado, por fruto de um casamento sagrado, à condição de divindade. A deusa teria virado consorte, assim como foi de Gilgamés e de Assubanipal, daquele cujos Zigurates encheriam a futura cidadela de 96 km<sup>2</sup>, uma das sete maravilhas do mundo da antiguidade: Marduque, homem-deus e rei mitológico dos antigos sumérios, que legitimaria o trono babilônico. Mas, a romântica história estampada nos portões da cidade, emoldurada pelas formas totêmicas ou nas representações em forma de animal da Impulsiva Ishtar, escondiam a depravação da religiosidade que abraçou o sexo sagrado como sua máxima celebração. Os sumérios (os assírios) e os acádicos, ou caldeus farão dessa ficção teológica, dessa construção mítica, a base de sua religiosidade.

*Is-tar lu-u i-ra-man-ni-ma*

*Istar apaixonou-se por mim*

É este amor que a deusa nutre pelo seu favorito que justificará a sua eleição e a sua enfronização, legitimando assim a sua realeza. Na *Epopéia de Gilgames*, algumas passagens alusivas à condição física de Istar pressupõem a mesma construção retórica e ideológica. A deusa diz estar esgotada, os seus traços já não são recuperados pelo sono reparador, o rosto



encontra-se abatido, sintomas do sacrifício que impõe a si própria em nome do seu amor por Gilgames

Nos oráculos neo-assírios, onde Ishtar desempenha um papel fundamental na comunicação profética e assume na plenitude o seu lugar na religião assíria, encontramos igualmente a expressão desta dimensão mais física e feminina:

*“Vagueio pela estepe, pedindo pela tua vida. Atravesso continuamente rios e mares, cruzo incessantemente montanhas e montanhas. Atravesso constantemente todos os rios. Secas e chuvas consomem-me insistentemente e afetam a minha bela aparência. Estou exausta, o meu corpo está extenuado por tua causa”*

Expressão máxima deste estereótipo e da relação amorosa entre Ishtar e o seu favorito é o rito do casamento sagrado. Num hino que Assurbanípal dedica a Istar de Nínive, o poeta alude à chegada da deusa e ao júbilo que provoca entre os seus pares e, em seguida, descreve os momentos que antecedem o rito: O rei está vestido com roupas asseadas e colocou um fato magnífico. Assurbanípal chega, entre oferendas sagradas e puras. Vinho doce, digno de divindade, cerveja demasiado forte para reis! Para se dirigir à sua Casa Akitu, ela pôs os arreios no seu carro, demasiado imponente para reis. Ele concluiu as oferendas, ela dirigiu-se para o templo do seu desejo.

O rito do casamento sagrado era celebrado anualmente, no início de cada ano, comemorando e renovando a realeza. A união entre a deusa e o seu favorito sustentava a legitimação do poder real.

O livro de Oséias trata do tremendo amor divino que convoca ardentemente o povo escolhido retornar a sua adoração. Como um casamento destruído pelo adultério contínuo, a relação entre Israel e aquele que lhe amou e libertou da terra da escravidão estava indo de mal a pior. Todas as leis divinas, todos os mandamentos eram desprezados e em especial o crescente envolvimento com práticas de idolatria das divindades sexuais da mesopotâmia, com a idolatria de deuses gerados a partir do culto dos mortos, os espíritos familiares divinizados, e a prática de oferendas, cânticos, sacrifícios e adoração das deusas da fertilidade, a internacional Isis dos egípcios, Astarte para os canaanitas, Inanna para as nações africanas, Ishtar para os mesopotâmicos. A senhora do céu, cuja irmã era a senhora da morte, a dona do Sheol, era presente e metamorfoseada em tantas formas que um dia um escritor romano a chamara de a ‘deusa dos mil nomes’. Sua influência se estendeu até a Europa e mesmo Roma a tinha como deusa instituída em diversas regiões, seja na região da Itália ou na península ibérica, em especial na região que um dia seria chamada de Portugal onde se encontram numerosos vestígios dessa adoração. Não contente em ser adorada pelo oriente, a deusa foi ‘evangelizada’ e conduzida até as regiões da Mongólia, Coreia, China e Japão, onde foi suavizada pelo xintoísmo tornando-se a deusa da agricultura.

**Trocaram o amor divino pelos encantos da deusa do amor.** O profeta Oséias então será levantado com a mais impressionante e afetuosa missão profética de todos os tempos, sendo usado por Deus transcender todos os padrões vigentes de amor humano com atos proféticos inacreditavelmente românticos, com uma missão de impossível humanidade e cujo desfecho era aos olhos de todos uma tragédia familiar anunciada desde o início de sua

comissão profética. Oséias viveu no território do reino de Israel de dez tribos (também chamado de Efraim, por causa de sua tribo dominante). Ele profetizou durante os reinados dos últimos sete governantes de Israel e dos reis Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, de Judá. ([Oséias 1:1](#)). Oséias profetizou por pelo menos 59 anos. Embora o livro que leva seu nome tenha sido concluído não muito depois de 745 a.C. O que o coloca seu ministério tendo início cerca de 800 anos antes de Cristo.

Cada pedaço do livro de Oseías vai nos revelar uma história de amor dentro de outra história de amor em forma de cântico profético. As pistas estão espalhadas aqui e ali, ajudando a formar um quadro belíssimo. A prostituição sagrada era um ato de luxúria disfarçado e falsamente dignificado por doutrinas mágicas, míticas e religiosas que transformaram os templos em fontes de comércio sexual lícito, ou legitimado pelo ‘sagrado’ das práticas dos cultos que reivindicavam para si a capacidade da união sexual com as românticas e sensuais deusas da antiguidade, onde as sacerdotisas dizendo-se tomadas em transe davam a entender ao vasto e sempre crescente número de fiéis a capacidade de homens se relacionarem com os deuses, numa dimensão em que ‘relacionamento’ e ‘íntimo’ se confundiam com o desejo e ritos que eram muito vergonhosos. As moças e meninos eram influenciados pelo sacerdócio mágico e introduzidos num mundo de devassidão ainda muito jovens. Santuários viviam das ‘oferendas vivas’ de uma multidão de adolescentes que em contrapartida enriqueciam ‘ministérios’, templos e sacerdócios, e mesmo cidades inteiras eram sustentadas pelas práticas das antigas religiões de Canã. Uma visão sobre as pinturas da ‘senhora do céu’ a antiga deusa sexual dos egípcios era explicitamente pornografia em forma de iconografia egípcia. Do mesmo tipo encontrada nas pinturas em Pompéia, em vasos gregos, em milhares de representações que atingem os cantos mais remotos do planeta terra, incluindo todo o continente africano, estados da Índia (Khajuhaho), Oceania, estepes do Cáucaso, alturas da Andes, o interior da China, os vales do reino de Joseon, antiga capital coreana, ou as montanhas do Tibet.

O território que corresponde **ao atual Iraque** foi conhecido na Antiguidade com o nome de Mesopotâmia, termo grego que significa “entre rios”. Essa região foi palco dos primeiros processos de sedentarização de grupos humanos, cujas vivências históricas desencadeiam em grupos urbanos complexos desde meados do terceiro milênio antes da Era Comum (a.E.C.). Centro cultural do Oriente Próximo, a Mesopotâmia pode ser dividida em quatro regiões: Suméria (III milênio) e Babilônia (II e I milênio) ao sul, Acádia (III milênio) e Assíria (II e I milênio) ao norte, Elam a leste, e Síria a oeste. Daí decorre um dos epítetos muito usados pelos reis mesopotâmicos, o de Senhor das quatro regiões.

Segundo o documento de Iddin-Dagan, a divindade possuía uma estátua de culto que era ornada com joias e manto real. Era invocada pelos guerreiros como uma espécie de patrona dos exércitos, pois o texto diz que “sem dúvida alguma os jovens valorosos (guerreiros) a invocavam”, pois Inanna era aquela que causava pavor durante a luta, aquela que fazia

tremer o céu. Portanto todos a ela prestavam homenagem. Os homens, os deuses, animais, toda a natureza curvava-se diante da “pura Inanna”.

As oferendas a Inanna eram as mais variadas. A ela se ofereciam incensos acesos nos terraços, em “lugares acolhedores” ou nos corredores das muralhas, colocados no alto para encher o céu com perfumes; ou se imolavam as melhores ovelhas, e se purificavam os altares para as oferendas onde se encontrava todo tipo de libações. Essa manifestação de agradecimento remonta novamente aos primórdios do culto, pois se oferecia em agradecimento pela abundância e em desejo de prosperidade. Ofertavam-se manteiga, frutas, cerveja de trigo, mel, vinho e flor de farinha, produtos da terra, dádivas da própria “deusa da vida”. A flor de farinha indica que os campos estavam em flor, que a colheita seria favorável, assim como os outros produtos indicavam prosperidade, fertilidade e fecundidade, tão caras ao homem mesopotâmico em sua vida material e uma demonstração de prosperidade que refletia na vida espiritual. Durante o festival havia licenciosidade sexual, orgias sagradas e profanas. Sendo a deusa do sexo, Inanna mostrava o caminho, ensinava os segredos do “abraço sagrado”.

Ela purificava-se, banhava-se com sabão, untava o corpo com óleo perfumado e esperava ansiosa no leito. O rei chegava também ansioso por compartilhar o leito de Inanna e se unia a ela no “abraço sagrado”. Contudo, a união sexual promovida por Inanna não era apenas lânguida e voluptuosa, afinal ela era a “vaca selvagem”, a “doadora da vida”. O ato sexual foi também desejo ardente e insaciável, pois o arado abria caminho na terra virgem. Ela era a deusa que 120 homens não conseguiam saciar. Inanna governou o sexo em três modalidades principais: o sexo como reprodução (tanto como sobrevivência quanto como energia criadora); o sexo como prazer (sensual ou selvagem); e ainda o sexo como sagrado (como meio de conhecimento e encontro com o divino). Governou os homens e suas instituições sempre marcando seu território a partir de seu leito. Governou templos, grandiosos como o Eanna em Uruk, e estendeu seu culto a lugares mais distantes, como o Abgal em Umma, o Duranki em Nippur e o Edilmuna em Ur. Neles construiu seu lar, com servos que a alimentavam, sacerdotes que entoavam cantos, eunucos que prestavam serviços, sacerdotisas que oficiavam cerimônias diversas, com seus faustosos guarda-roupas, joias e tecidos dos mais diversos lugares, e fiéis que lhe traziam libações. (Simone Aparecida Dupla – Revista de história- O hierogamos de Inanna e Dumuzi: sexualidade, religião e política na Mesopotâmia)

Israel deixou-se envolver, a medida que crescia como reino e nação, cada vez mais no envolvimento com o mundo religioso da antiguidade. Seus costumes, prática e luxúria. Um mundo de devassidão que escondia uma terrível realidade, a verdadeira face dessa festa podre era a prostituição e a escravidão sexual. O Espírito de Deus por intermédio de seus profetas negou veementemente sua aceitação, sua conivência, sua inspiração ou que tal uso da sexualidade humana pudesse trazer qualquer proveito. Porque a motivação era falsa, e o propósito do casamento ridicularizado a cada culto, as moças eram usadas como prostitutas, humilhadas, carregavam o nome de ‘sagradas’ e no seu interior a destruição de

seus sonhos, seus ideais e sua história pessoal. Há uma maldade dissimulada no tratamento benevolente ou na parcimônia com que muitos historiadores, estudiosos e simpatizantes com o ocultismo e com o mágico tratam a devassidão e a exploração sexual mantida em nome da religião. O Espírito de Deus não tratará de nenhum modo tais práticas com olhar ‘amoroso’, ele as condenará veementemente pela boca dos seus profetas, ele as abominará de tal modo que até o salário de um prostituto ou de uma prostituta cultual seria considerado como uma abominação se trazido como oferta diante dele. Porque o preço de tal salário era a vida, a agonia, a doença, o destrato, o abandono, a angústia e a perda da inocência nas mãos de todo tipo de pessoas que as usaria como objetos para satisfação dos mais vis desejos. A estimada ‘honra’ que ‘lhes era concedida’ por serem sacerdotes e sacerdotisas, papisas ou oficiais dos templos antigos, era dolosa mentira, aos olhos de Deus.

Os pais israelitas por centenas de anos concordaram com a prostituição de suas filhas e meninos nas festividades da mesopotâmia e de Canaã. Incentivavam as esposas e noras a participarem dos eventos e até a se tornarem parte da prostituição profana e da sagrada. Prostíbulos de diversas naturezas se multiplicaram com a permissão sacerdotal, real e legal. O Espírito de Deus vê a destruição que os assírios trarão sobre dez das doze tribos de Israel, em virtude da terrível corrupção e declínio espiritual da nação. A cada capítulo do livro de Oséias vai se revelando um cotidiano de suborno, homicídios premeditados, mentira, usura e desonestidade generalizada, a adoração de ídolos familiares em cada casa, e a participação efetiva das famílias de milhares em práticas de superstição e prostituição. O adultério se torna algo tão comum quanto a violência. Em determinado instante do livro saberemos que um grupo de sacerdotes se tornou em um bando de salteadores e assassinos, que armam emboscadas no caminho de uma grande cidade. O excesso de vinho das festas adoece e enlouquece os nobres, desvirtua a muitos. A prostituta da antiguidade começava cedo. Ainda adolescente era conduzida aos prostíbulos, era compensada se tivesse grande beleza alcançando status e então seria de ‘uso exclusivo’ por nobres, comerciantes ou pessoas de classes abastadas, equivalentes as ‘meninas de programa’ ou prostitutas de luxo de nossa sociedade moderna. Também nos templos de Inanna, Astarte ou Ishtar teriam uma rápida ascensão a classe das ‘sacerdotisas’, porque trariam grande lucro para o sacerdócio local, tendo em vista que as ‘oferendas’ eram das mais variadas, que incluíam os melhores frutos da terra, vinho, lã, roupas, produtos variados, jóias e valores de vulto. As deusas eram esplendidamente decoradas, adornadas com jóias verdadeiras, eram, figurativamente falando, ‘ricas’ e ostentavam essa riqueza ganha pelas mãos ou atos das moças dos templos. A prostituta da antiguidade era perita na arte da diversão do público. Elas deveriam entreter os convidados, de diversos modos por isso eram capacitadas com música, com dança, com o canto. A prostituta profana, que não pertencia aos templos possuía vestes e marcas especiais, distinguia-se pelo seu andar, pelo modo com que balançava os quadris e fazia soar os seus braceletes e sinetes amarrados em suas saias, seus passos eram musicais ao extremo. As do templo ainda possuíam o conhecimento de liturgias, cânticos religiosos de louvor e adoração, cujas letras eram poesias inspiradas. Canções de amor que contavam histórias de sedução. Os ambientes eram preparados com óleos e perfumes aromáticos, as moças perfumadas e enfeitadas para representar as deusas a quem serviam.

Os cânticos sagrados eram evocativos e cheios de sensualidade:

*Inana trouxe as medidas sagradas*

*Ela trouxe o colocar da roupa no chão*

***Ela trouxe encanto***

***Ela trouxe a arte de ser mulher***

*Ela trouxe a perfeita execução dos ritos*

*Ela trouxe os tambores tigli e lili*

*Ela trouxe os tamborins sagrados*

Elas deveriam demonstrar alegria, riso, sensualidade e beleza. Isaías fala-nos que elas tinham costume de cantar e tocar harpa ao redor das cidades, numa visão referente a Tiro. Ela cantavam, dançavam e tocavam esplendidamente instrumentos. Vivenciavam o equivalente a *escolas preparatórias* que as ensinavam a arte de entreter e seduzir, seja pela instrução de meretrizes mais experientes, eunucos ou sacerdotisas.

Quando Oséias é chamado para profetizar a Israel O Espírito proporá uma das coisas mais extraordinárias que já realizou na terra.

*Assim que Yahweh começou a falar por intermédio de Oseias, ele lhe ordenou: “Vai e toma uma mulher que se entrega à prostituição; os filhos que vos nascerem serão os filhos da infidelidade, porquanto toda a nação é culpada do mais vergonhoso adultério: afastar-se de Yahweh e apegar-se à idolatria!”*

*3 Então ele obedeceu, foi e se casou com **Gô'-mer bat Divláim**, Gômer filha de Diblaim; ela engravidou e deu à luz a um filho de Oseias.*

Case-se com uma prostituta.

E pelo contexto do livro, *não é uma prostituta qualquer*. Gomer é uma prostituta sagrada. Uma mulher virgem era o idealizado como esposa por todos os israelitas. Uma vez prostituta a mulher sabia que jamais seria tida como ‘digna’ de tornar-se esposa legitimada de natural ou de um estrangeiro. As filhas que eram tornadas como prostitutas sabiam que já não poderiam se casar. Uma prostituta comum era normalmente de uma família pobre, ela muitas vezes fora VENDIDA pelo seus pais para ocupar aquela posição, como temos paralelo na cultura de estados de grande pobreza indianos. A prostituta era sempre considerada como uma ‘mulher pública’ ela tinha amantes, mas já não possuiria laços familiares. Era indigno a relação com a família de onde saiu, eram cortados os laços pela vergonha dos familiares que não queriam ser vistos com, sendo rechaçada do convívio com a família, num caminho sem retorno. O estado de declínio espiritual conduziu as famílias de Israel a não romperem completamente os laços, o que era um paradoxo cultural. O nome do pai de Gomer, Diblain é citado por Oséias, o que seria incomum em todas as outras épocas da história israelita. Porque prostitutas não eram listadas em genealogias, não participavam da herança paterna, elas se tornavam pessoas ‘sem-família’. Porém, são os pais que estão ‘dando’ suas meninas aos templos, e a sociedade de sua época está tendo como ‘comum’ o que milhares estão fazendo. Por detrás da nomeação do pai de Gomer há o

espectro da responsabilidade que será trazida a tona nos capítulos posteriores. Ele era culpado daquilo que sua filha veio a se tornar.

Oséias vai até um prostíbulo de luxo ou até o templo de Ishtar, porque as praticas se confundiam nessa época tamanha a licenciosidade. A maioria, se não todas as prostitutas, eram religiosas praticando ritos de consagração e veneração a Baal e a baalins, a deuses familiares, as árvores sagradas e as deusas da prosperidade. Porque tais divindades não RECRIMINARIAM sua conduta ou sua devassidão. Pelo contrário. Todos permitiam, os deuses da antiguidade só se importavam com as próprias oferendas, e seus próprios ritos. Servir a Baal só exigia pagar-lhe tributos, oferecer dádivas, independente do caminho pessoal trilhado.

Creio que o Espírito de Deus que levantou a Oséias como profeta o conduziu até um santuário da deusa do amor, para uma prostituta cultual, que vivia em contínuos rituais de sexo sagrado, que participava da adoração plena em festivais ‘sagrados’ regados a vinho e sexo, para desta história traduzir *um amor de outro mundo*. O profeta segundo a palavra divina escolherá a Gomer que representa em tudo que faz, em tudo o que veste, em cada canção de adoração, a própria deusa Ishtar. E Oséias a convidará a moça que a cada ano participava da festa de ‘casamento dos deuses’ e que o representava com seu próprio corpo as ‘nupcias’ entre a deusa e um ser humano, para participar de algo que lhe seria negado para toda sua vida:

Seu próprio casamento.

O profeta fazia-lhe um convite impossível e inacreditável aos olhos da comunidade. Casar-se com uma prostituta. Preciso falar sobre a suposta beleza de Gomer. Quanto mais bela era a prostituta da antiguidade, mas ‘honrada’ com presentes ela seria, mais ‘poder’ de dispor o corpo e escolher com quem gostaria de passar a noite ou ter relações, ela teria. Essa é a visão que as imagens (iconografia) de vasos gregos retratando Simphosius da antiguidade nos transmite. Até hoje tal preceito é uma realidade cultural, o ‘domínio’ ou o ‘valor’ da prostituição está atrelada a juventude e aos padrões de beleza física. Está presente na ‘reclamação’ de Efraim a ‘beleza’ escondida de Gomer, pelos bens que ela recebia. Incluindo Figueiras e até mesmo uma VINHA.

*Pois a mãe deles se prostituiu; aquela que os concebeu agiu com torpeza e vergonha. Porque alegou: ‘Trei atrás dos meus amantes, que me dão lekhem, alimento: pão, água; e também lã, linho, azeite e bebidas’.*

*Devastarei as suas videiras e figueiras, que, segundo alegação dela, foi pagamento recebido de seus amantes; eis que farei de todas elas um só grande matagal, e os animais silvestres as devorarão com avidez.*

Mas a beleza exterior de Gomer escondia dentro dela um processo de devassidão inquebrantável.

A proposta de casamento é irrecusável, ela traria honra, lhe daria um nome, lhe concederia o benefício da herança e filhos que poderiam ser legitimados. Gomer, mesmo sem qualquer amor por Oséias aceita se casar com ele. Até este instante cremos que Oséias o faz

contristado, lutando consigo mesmo, enojado, só por obrigação em cumprimento da ordem divina. Ledo engano. Na medida que o Espírito Santo for ‘tecendo’ sua profecia tremendamente humana, nos dará pistas a respeito da escolha proposital de Oséias e o porque ele foi capaz de suportar as coisas que ainda acontecerão em seu casamento no decorrer do livro.

*1 Quando Israel era menino, eu o amei muito, e do Egito chamei o meu filho.*

*2 Todavia, quanto mais Eu chamava meu povo, como quem chama seu filho, mais essa gente se afastava da minha pessoa. Eles ofereceram sacrifícios aos baalins e queimaram incenso diante de imagens de ídolos*

*3 Contudo, Eu ensinei Efraim a andar; Eu o carreguei no colo; mas eles não entendiam que era a minha pessoa quem os curava e zelava por eles.*

*4 Eu os conduzi com laços de bondade humana e grande amor; fui Eu quem lhes tirou o jugo pesado do pescoço, e me inclinei para alimentá-los.*

O Espírito de Deus amava e declara que fora apaixonado por Israel desde sua meninice, desde a antiguidade. Seu amor era anterior a da ‘sedução’ de outros deuses. Seu amor era verdadeiro, profundo, permanente.

Por detrás do amor do Espírito nós repensamos a vocação de Oséias. De algum modo ele conheceu Gomer no passado. Ele a viu crescer, ele a ajudou a andar e talvez até mesmo a carregou no colo.

Podemos imaginar a tristeza ao saber que ela fora encaminhada pelas mãos de Diblaim ou com seu consentimento até a realidade da prostituição.

Os israelitas encaminharam suas esposas e filhas num caminho sem retorno, retirando a dignidade delas diante de suas famílias, impedindo-as do serviço e oferendas do santuário e expondo-as a humilhação pública na comunidade. Oséias fora enviado a um santuário sexual para resgatar a dignidade de uma mulher, trazendo do mundo da prostituição para a posição de esposa e também de mãe. Gomer aceita o casamento, aceita a ‘nova’ vida conjugal e até mesmo engravida de Oséias. Porém, não abandona sua vida de prostituição. Mesmo grávida, podemos deduzir do contexto do livro, ela não apartou de si seus amantes. Tendo em vista que o Espírito sabia que ela continuaria a exercer seu ofício como prostituta, seus filhos seriam ainda considerados filhos de prostituição, apesar de um pai ter assumido sua filiação. A primeira criança que nasce é chamada de Jeezrel, um menino que simbolizava um passado de violência que deu origem a dinastia real e um futuro de guerra contra os assírios, que tinham Inanna, a deusa-mãe a quem Gomer servia. Gomer teve ainda uma filha e um menino. A menina foi chamada de Lo-Ruama e o menino de Lo-Ami. Desmerecida e Não é meu povo. Os seus nomes simbolizavam a rejeição de Israel. Mas, não seriam seus nomes permanentes. Por alguns anos assim foram nomeados, até que o Espírito ordenas que seus nomes sejam mudados. Nomes de crianças eram permanentes e

muitas vezes concedidos antes que nascessem. Não havia a mudança de nomes a não ser se crianças entrassem em cativo e tornadas servas ou escravas recebessem novos nomes dados pelos governantes ou oficiais das prefeituras ou governos instaurados. A mudança do nome de uma pessoa era algo raríssimo. LoRuama é chamada de Ruama, a partícula “Lo” é equivalente a ‘não’ em português. A menina agora se chamava “Agraciada”. E o menino “Ami”. Meu povo.

Os dias e passam, e a conduta de Gomer não melhora. Ela continua saindo de casa do humilde Oséias. Ele não possui muitas posses. Veremos adiante. Ele lhe deu um nome, uma família, mas não possuía nem de longe a riqueza dos que visitavam os templos ou os bordéis e se utilizavam dos serviços de prostitutas de luxo ou das sacerdotisas dos templos, presenteando-as com ricas oferendas. Gomer continuava a praticar uma vida dupla. Esposa e mãe, prostituta e devassa. Todos os apelos de Oséias foram em vão. O Espírito de Deus ordena que seus filhos que cresceram a repreendam. Ainda são crianças, mas já tem idade bastante para compreender que sua mãe não podia abandoná-los para continuar a fazer o que fazia.

A mãe Gomer por ser uma mulher hábil em várias artes deveria ser muito admirada pelas crianças. Ela sabia dançar, ainda tinha vestes esplendidas da época dos santuários, ainda tocava instrumentos e deveria cantar muito bem. Mas, a vida de mãe e esposa não podiam completá-la apesar de seu nome, GOMER significar COMPLETA, PLENA. Ela sentia falta de seus amantes, da vida libidinosa e sobretudo dos bens, dos inúmeros bens e riquezas que sua vida de devassidão lhe proporcionava. Então ela deixa sua casa, abandona as crianças, abandona Oséias e tenta voltar para sua vida anterior. Decide voltar a viver dedicada ao antigo ofício, imaginando que poderia encontrar lugar onde havia saído. Porém os anos passaram. Gomer já não era mais a adolescente que era cortejada por todos, desejada como prêmio pela multidão de homens. Era somente uma outra prostituta, considerada ‘velha’ para exercer a antiga profissão. Já não daria mais lucros aos templos de Ishtar, já não seria tão desejada ou vistosa nas danças e nas festividades. E dividida entre dois mundos, saudosa dos filhos, já não representava tão bem seu papel de pessoa feliz. A transformação vai levando ela a uma situação em que se torna dependente de um proxeneta, vulgarmente conhecido como gigolô. Ou de uma meretriz, a dona de um bordel. As meninas eram normalmente ‘vendidas’ para esses locais e tinham uma ‘dívida’ não solicitada que somada as taxas de vestuário, alimentação e habitação as fazia escravas eternas de sua condição. Gomer tornou-se uma prostituta comum, presa a uma vida de escravidão sexual, após ter desonrado o marido e abandonado três filhos. E um esposo que amava. Ela abandonou o sonho de cada uma e de todas as mulheres que um dia foram escravas de um bordel. O sonho de uma família em troca do luxo mentiroso, da vaidade supérflua, da promessa enganosa e dos elogios de quem jamais a considerou mais do que uma outra prostituta qualquer. Os dias passam monótonos e tristes, sem esperança, abraçando um destino doloroso e solitário.

Mas, ela é uma profecia viva, e nela Deus possui um propósito de amor magnífico.

Ao saber da situação da antiga esposa de Oséias, seus “amigos” da comunidade onde viviam decidem ir até o bordel onde ela se encontrava. Gomer ainda é jovem, ainda é uma



mulher bonita. Não possui o padrão exigido nas esferas de nobreza, mas não ainda está muito acima da expectativa e dos recursos de um judeu comum, ou assalariado daquela época. E eles sem nenhum pudor, muitos dos que participaram dos eventos e das atividades da vida de casal de Gomer e Óséias, agora a usam como prostituta. Alguns por vingança, outros por despeito. Alguns por compaixão. Dentre eles, alguém o faz porque também gostava dela.

E continua a visita-la no prostíbulo várias vezes. Mas, não a livra de sua situação.

*Oséias 3.1 Então Yahweh me ordenou: “Vai outra vez até tua mulher e a trata-a com amor, ainda que ela seja amada por outro e viva em adultério. Ama a tua esposa como Yahweh ama o povo de Israel, apesar de eles cultuarem a outros deuses e de amarem os bolos sagrados de uvas passas!”*

A história se espalha em toda a comunidade. No Brasil temos vários termos de zombaria para esse tipo de situação. Assim como em muitos lugares do mundo, o marido traído é também vítima da humilhação dos amigos, parentes e até estranhos. História se espalhara e a barreira social aumentara ainda mais. Mas, o Espírito sabia quem tinha escolhido. Conhecia o coração do homem que separara para o ministério. Que tinha o coração semelhante ao dele. O Senhor ordena a Oséias, para que vá e faça o impossível pela segunda vez.

E a resposta de Oséias é também imediata. Moisés reclamou de sua chamada, Isaías diria que não era digno, Elias reclamaria de Jezabel, Eliseu colocaria uma condição para ser chamado, Isaías diria não possuir a dignidade e Jeremias diria que ainda era uma criança quando Deus ordenou que fizessem o que tinham que fazer.

Oséias não diz uma única palavra e parte resoluto como um dragão em direção a sua esposa, a que amava desesperadamente.

O milagre acontece. Gomer está assentada na porta do estabelecimento a espera de mais um cliente, aguardando a chegada de um estranho qualquer. Mas não é um estranho que chega a ela. Não é um desconhecido. É alguém que a carregou no colo quando ainda era uma menina. Era alguém que a amava desde que nasceu. Era alguém que a buscaria até no inferno se tivesse condições.

Não sabemos como foi o encontro. Oséias vai até a dona do bordel e oferece tudo que tinha, dentro de suas limitadas condições.

Oséias pagou 15 peças de prata (se foram siclos, US\$ 33), e um ômer e meio (330 l) de cevada para comprar de volta a adúltera Gômer como esposa ([Os 1:3; 3:1, 2](#)), preço que alguns comentadores consideram ser equivalente ao preço de um escravo, 30 siclos de prata (US\$ 66). ([Êx 21:32](#)) A ‘oferta do ciúme’ que a Lei exigia no caso de um homem suspeitar infidelidade sexual da parte da sua esposa **era um décimo de um efa** (2,2 l) de farinha de cevada. ([Núm 5:14, 15](#))

Um terreno caro numa cidade valia cerca de 400 peças... Cem peças um lugar para realizar um acampamento. Por 20 peças de prata uma pessoa era vendida a mercadores de escravos que a negociavam para obter mais 10 peças, vendendo-a por cerca de 30. Cem peças de

prata era o preço pela difamação de uma virgem, e cinquenta o preço a ser pago aos pais se um homem tivesse relações forçadas com uma mulher, que teria que toma-la como esposa para o resto de sua vida. Na época do cerco de Jerusalém uma propriedade extremamente desvalorizada foi comprada por Jeremias por 17 peças de prata.

### Gênesis 23

15 “Ouça-me, meu senhor: aquele pedaço **de** terra vale **quatrocentas peças** de **prata**, mas o que significa isso entre mim e você? Sepulte a sua mulher”.

16 Abraão concordou com Efrom e pesou-lhe o valor por ele estipulado diante dos hititas: quatrocentas **peças de prata**, de acordo com o peso corrente entre os mercadores.

### Gênesis 37

28 Quando os mercadores ismaelitas **de** Midiã se aproximaram, seus irmãos tiraram José do poço e o venderam por vinte **peças** de **prata** aos ismaelitas, que o levaram para o Egito.

### Deuteronômio 22

19 Aplicarão a ele a multa **de** cem **peças** de **prata**, que serão dadas ao pai da moça, pois aquele homem prejudicou a reputação de uma virgem israelita. E ele não poderá divorciar-se dela enquanto viver.

29 ele pagará ao pai da moça cinquenta **peças de prata** e terá que casar-se com a moça, pois a violentou. Jamais poderá divorciar-se dela.

### Jeremias 32

9 Assim, comprei do meu primo Hanameel a propriedade **de** que ele possuía em Anatote. Pesei a **prata** e lhe paguei dezessete **peças** de prata.

**A moça pela qual um dia ofereceram uma vinha, valia agora menos que um escravo a ser negociado numa feira e menos que um terreno numa cidade sitiada.**

Mas, era tudo que Oséias possuía. E sua oferta foi aceita.

Porém havia um preço ainda maior a ser pago por Gomer. O Espírito disse que ele precisava se afastar dela.

*3 E lhe prometi: **Eis que tu esperarás por mim por um longo tempo. Durante todo esse período não te entregues à prostituição; nem pertences a nenhum outro homem; Eu também te aguardarei para vivermos juntos.***

Ainda haviam anos de profecias a serem entregues. E Gomer necessitava ser tratada. Tratada por Deus.

Oséias parte prometendo que voltaria um dia. Mas, longa será sua jornada. Muito longa. A saudade aperta o coração de Gomer até que em desespero ela vai em procura de Oséias. Mas, por mais que o busque não consegue encontrá-lo.

*6 Eles partirão desesperadamente, com seus rebanhos e suas manadas, em busca de Yahweh, **mas não o encontrarão**; pois ele se afastou deles.*

É a representação profética da consequência da apostasia de Israel.

Não sabemos se foram três, cinco, sete ou 12 anos que GOMER esperou. Quando voltou para o mundo de prostituição ela já tinha alguns cabelos brancos que agora eram numerosas na sua cabeça.

*9 Estrangeiros de toda parte sugam a sua força, mas ele nem sequer nota. **Seus cabelos vão branqueando, como cinza espalhada sobre a cabeça, mas ela nem repara nesse sinal.***

Mas a moça suportou. E Oséias cumpriria sua promessa. Por muitos anos a moça cantava sua canção para Jeezrel, Ruama e Ami, que agora eram três adolescentes. Então Oséias entrou pelas portas de sua casa, no tempo devido, de onde continuaria a exercer por muitos anos ainda seu extenso ministério profético de quase 60 anos.

A Gomer que se prostituía já não existe mais. Só uma esposa e uma mãe dedicada. Só uma mulher que agora jamais teria outros amantes. Que jamais pertenceria a mais ninguém. Para que se cumprisse a profecia:

*14 “Apesar de tudo, decidi trazê-la para mim; eis que vou levá-la para o deserto e lá, a sós, falarei ao seu coração.*

*15 Ali Eu lhe restituirei as suas vinhas e transformarei o vale de Acor, Problemas, numa porta de esperança. Ali ela haverá de conversar comigo como nos dias da sua tenra idade, como no dia em que deixou o Egito.*

*16 Naquele dia”, assegura Yahweh, “Tu me chamarás ‘meu marido’, e não mais dirás ‘Baal, meu senhor’!*

*17 Eis que Eu mesmo tirarei dos teus lábios os nomes dos baalins; seus nomes não serão mais invocados.*

*18 Naquele dia firmarei um pacto com todos os animais silvestres, com as aves do céu e com os animais que rastejam pelo chão! Arco, espada e tudo que diz respeito à guerra, eu os abolirei da face da terra, a fim de que todas as pessoas tenham o direito de viver em paz.*

*19 Então Eu me casarei contigo por toda a eternidade; Eu te tornarei minha esposa em verdade e justiça, com amor e compaixão.*

**E Oséias viveu o sonho que o Espírito de Deus deseja um dia viver com a humanidade,** representada na pessoa de Israel e Efraim. O que não aconteceria com Efraim. Como uma mulher adúltera que jamais desistirá de seus amantes espirituais, Israel trará devastação e calamidades tremendas sobre si mesma. Por causa da devassidão que a levou para a desonestidade e a todo tipo de traição, incluindo escravidão e assassinio, o juízo, na verdade consequência do demasiado amor às trevas ocorreria de modo doloroso.

*16 O povo de Shômrown, Samaria carregará sua culpa, porquanto se rebelou contra o seu Deus; tombarão todos ao fio da espada; seus filhinhos serão partidos em pedaços e suas mulheres grávidas serão abertas ao meio!”*

Oséias pode guardar ao menos uma dessas moças.

A prostituta de Ishitar foi chamada pelo Espírito para ser esposa de um profeta, para inveja eterna da 'deusa' que se entregou por amor de *um Marduk sem-vergonha que a deixou no mundo da morte e da escuridão para ter o direito de reinar sobre a terra da Mesopotâmia.*

E Gomer abraçou a Jeezrel, à Agraciada e a Meu povo, com seu marido Oséias, cujo nome significa Salvação.

E finalmente se cumpriu o significado de seu próprio nome.

Porque somente agora, ela finalmente...

...alcançou a Plenitude.

## A VIRGEM E A MERETRIZ – O SIGNIFICADO DO MILAGRE DA VIRGINDADE DE MARIA

A questão da virgindade de Maria vai muito além do costumamos imaginar. É uma profecia belíssima e exclusiva, que será uma dignificação profunda e contrária a tudo que foi feito nos santuários da antiguidade. A prostituta sagrada morria na juventude, a maioria dela em virtude das muitas enfermidades contraídas em seu triste ofício, no relacionamento com milhares de homens num curto período de tempo. Muitas eram forçadas ou serviam-se ritualmente de sexo não convencional para não gerar filhos. Algumas se prostituíam e permaneciam permanentemente virgens. Eram consagradas a deuses e não geravam semente, não possuíam filhos ou filhas. Eram virgens forçadas para não perder o status de ‘esposas’ consagradas á divindades. O relacionamento com uma prostituta sagrada significava uma ‘união’ entre o homem que de modo ‘mágico’ tocava uma sacerdotisa que dizia-se ‘incorporada’ da divindade a quem prestava serviços. Nessa devoção insana era como se o homem fizesse sexo com a própria deusa, esse era o significado oculto por detrás dos atos sexuais feitos nos templos da fertilidade e nos Zigurates da antiguidade. Uma fornicção legitimada pela religiosidade. Há uma zombaria profunda da dignidade feminina neste ato. Dolorosamente viviam as moças que mesmo que gerassem filhos não seriam tidos como homens livres. Não teriam mais direitos do que escravos, mesmo porque a maioria das moças eram escravas. A virgindade forçada de algumas das moças da antiguidade contrastava com um dos maiores ideais da feminilidade da antiguidade, a de ser esposa de uma marido que as amasse e terem filhos que dessem continuidade ao seu nome e ao nome de seu esposo. Ter o reconhecimento de serem mães, dignificadas pelo casamento, tendo cidadania e a honra devida à mulher oriental. Há uma controversa situação quando do ‘nascimento’ de crianças das mulheres ‘sagradas’ da antiguidade. Em alguns momentos eram tidas como ‘descendência divina’, porque eram geradas acidentalmente ou consensualmente fruto de encontros rituais com as prostitutas sagradas. Muitas – talvez todas não saberiam precisar quem era o pai da criança – essa criança gerada por um ato ‘mágico’ lhes concedia um status de ‘crianças divinas’. **Embora tivessem um nobre epíteto, não tinham a mesma sorte dos reis, que invocavam sobre si a mesma descendência para legitimar seu poder. Elas eram estigmatizadas e destituídas de reconhecimento, sendo trancafiadas dentro de sua ‘classe social’ ou casta. Elas eram ‘contidas’ numa região de desprezo, sendo maquiavelicamente destratadas, relegadas a uma existência de pobreza ou de dedicação ao templo.** Os filhos e filhas das prostitutas sagradas seguiriam o triste destino de suas mães – porque não possuíam pais que as legitimasse, seriam desde o nascimento ‘consagradas’ às divindades e estavam fadadas a uma vida que as conduziria ao prostíbulo ou a prostituição cultural.

Existia ainda um grupo de mulheres virgens que dedicava toda a vida a zelar pela chama sagrada de Vesta, deusa do fogo. As vestais, como eram chamadas, deixavam suas famílias entre os 6 e os 10 anos para passar aproximadamente 30 anos vivendo ao lado do templo, sem que pudessem casar.

### A PROFECIA DA CONCEPÇÃO DA VIRGEM

<sup>14</sup> **Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel.**

A profecia de Isaías é a *contravenção divina levada às raias do descalabro*. Ele zomba da zombaria, ele dignificará de modo definitivo a mais desonrada das mulheres, que é hipocritamente

dignificada de ‘alta-sacerdotiza’ – na verdade uma escrava da religião, sem direito ao seu próprio corpo ou a própria vida.

O milagre do nascimento de Cristo, gerado pelo poder do Espírito é uma maravilha em todo os sentidos. Chamavam ‘falsamente’ de criança divina aos nascituros dos prostíbulos religiosos, então, ao verdadeiramente divino, Deus chamará de ‘Deus conosco’, Emanuel. A moça virgem, abusada e usada na maioria das vezes contra sua vontade, escrava de uma herança que teve início em seu nascimento, terá sua representação numa adolescente convidada pelo Espírito que aguarda dela um posicionamento – eis aqui a tua serva, faça em mim conforme a tua vontade -, para que, SEM TOCÁ-LA, conceder-lhe um filho que trará LIBERDADE para todo ser humano. É dito da prostituta cultural que ela tinha acesso e ‘comunhão íntima’ com deuses, muita vezes bêbada, intoxicada por drogas como o ópio ou estrato de plantas como a mandrágora, que sua sexualidade devassada lhe concederia a essência divina. Então o Espírito ‘descerá’ sobre Maria, a envolverá e lhe concederá um milagre, a essência divina envolta num corpo humano gerado no corpo dela. Consciente e voluntariamente. Chamaram a prostituta cultural, milhares delas, de santas, de consagradas, de separadas, ironicamente zombando de seus corpos – sagrados - eram cotidianamente profanadas. O Espírito santo então SANTIFICA para si uma adolescente, uma única menina no meio de todas as mulheres da terra, não para profaná-la, antes para dignificá-la de modo extraordinário e através dela a todas as outras mulheres da terra. **O milagre do nascimento do Messias de uma virgem é uma declaração de amor pessoal do Espírito a cada moça na terra que foi usufruto da lascívia, da escravidão sexual, da religiosidade sensualizada.** Nele há uma reminiscência dolorosa, há uma terna declaração de que o Espírito testemunhou a degradação da vida preciosa de milhões de mulheres e até de jovens que serviram de ‘alimento’ para uma multidão de homens ensandecidos pelos seus próprios desejos.

Os filhos das prostitutas culturais eram desprezados sem direitos civis. A destituição de uma mãe sacerdotisa os inclinar ia a pobreza ou desterro. As devadassi na Índia deixam de exercer seu ofício aos 44 anos. O capítulo 23 de Jo dá um panorama de sua situação. **Jesus nasce de uma moça virgem - não para o desterro - mas para assumir o reino dos homens.**

Há uma belíssima representação aqui – Jesus representa essa ‘criança-divina’ condenada ao ostracismo, presa a um ‘destino, confinado a uma ‘casta’, já que nasce de uma família pobre e mesmo entre os hebreus é desprezado em função de sua origem humilde, numa cidade obscura, num povoado sem nenhum cenário de exposição política, social ou religiosa. Se tivesse nascido na Índia seria certamente pertencente a uma casta de operários até o final de seus dias.

Por vezes o Velho Testamento em Levítico tornará como IMPURAS tanto as roupas manchadas de semem como a mulher no tempo de sua menstruação. Tais textos não estão citados levianamente. Elas remetem ao desconhecido das necessidade de higiene da época. Para evitar a disseminação de doenças venéreas. E como lembrança de que muitas vezes era assim que por horas uma mulher ‘sagrada’ do templo ou a prostituta do bordel passaria seu dia, com roupas que não teria tempo de lavar enquanto recebia fiéis da deusa ou ‘clientes de prostituição secular. Na época havia a crença de que a roupa suja com o sêmem poderia engravidar e a roupa era usada como ‘desculpa’ para gravidez indesejada, para filhos fora do casamento, ou para que alguém se eximisse da responsabilidade paterna junto a um filho de uma ‘prostituta’. Os seus filhos eram ‘filhos-sem-pai’. Nasciam órfãos de pais, aos quais jamais conheceriam, embora estivessem vivos.

O milagre da virgindade de Maria caminha de encontro às condutas sociais, contra a ilegitimidade das relações irresponsáveis, onde homens não assumiam seus papéis de pais, nem de esposos, onde a jovem ultrajada - num tempo em que a virgindade era sinônimo de honra, e sua perda fora do casamento conduziria a moça da antiguidade a uma condição de pária - rejeitada. Contavam histórias 'mágicas' sobre a dita contaminação das vestes femininas com sêmem para justificar à nascimentos quase que 'sobrenaturais' de crianças que já nasceriam órfãs de pai.

A escolha divina do milagre que dá origem a Cristo é espetacular. Ela é uma zombaria da indignidade reinante, ela faz acontecer o que era piada, o que era mote, o que era uma historinha-para-boi-dormir. A moça seria imediatamente zombada, não crida, julgada como promíscua, tratada como PROSTITUTA se ousasse dizer que engravidou sem ter tido uma relação sexual. Porque significaria que 'dormiu' ou 'coabitou' com alguém que lhe contaminou as vestes. E o milagre ri da zombaria, faz de modo DIGNO e maravilhosamente PURO algo que era uma 'desculpa', na maioria das vezes uma mentira.

As normas de conduta instituídas em Levítico tem uma redação pesada, porém um ESPETACULAR propósito que as norteia. A prisioneira de guerra seria tratada com dignidade e não estropada, se fosse objeto de desejo de um soldado israelita. A menstruação feminina obrigava ao hebreu ao menos a se afastar da esposa, preservando-a durante um momento de fragilidade, a proibição da prostituição em Israel preservava a mulher israelita da exploração sexual milenar, do trabalho sexual escravo, e de outras formas de degradação.

O Espírito de Deus se desdobra em cuidados nas Escrituras para que a mulher seja preservada no mundo da antiguidade. E a profecia de Isaías é uma declaração de amor que resgata uma promessa que foi dada ao primeiro casal, em especial à primeira mulher. Deus dirige sua palavra a Eva. Olha em seus olhos e PROFETIZA, declara-lhe que de sua semente, originado nela, por meio dela, a partir dela, nasceria aquele que pisaria a cabeça da serpente. A mesma maldita serpente que a havia seduzido e enganado.

Jesus é constitui uma resposta a altura da provocação da serpente. E uma vingança espetacular, onde a HONRA da mulher é resgatada de modo triunfal. Não foi EVA que primeiro foi tentada, **que tem sido acusada de geração em geração da atitude que gera, a priori, a perda do Éden?** Não foi isso que Adão lançou no rosto de Eva e de Deus? **“a mulher que (tu) me deste por companheira meu deu da árvore e eu comi...”** Tenho nada a ver com isso... Num ato VERGONHOSO Adão se esconde a sombra da esposa, lembra que ela CUMPRIU mal a função de COMPANHEIRA, e que em última instância DEUS é que é o responsável pela encrenca toda, já que ELE é que ESCOLHEU e DELEGOU a Eva sua missão.

Não é isso? **Eva é MAIS NOBRE em sua resposta que Adão. Ela não se LEMBRA QUE ADÃO É CO-PARTICIPANTE do ato de transgressão. Ela não expõe o fato de que estava sozinha. Ela diz a verdade. Fui enganada. E assume. Eu comi. Sozinha. Incrivelmente sozinha ela responde por sua transgressão.**

Então um dia Deus VINDICARÁ a vergonha assumida, e HONRARÁ de sobremaneira a atitude da mãe de todos os viventes. Jesus é semente de MULHER. Não possui PAI HUMANO. A herança genética humana do corpo que abriga a divindade é FRUTO EXCLUSIVO DA MULHER. Deus gera a vida e VIDA que VIVICARÁ toda a vida, a partir da obediência de outra adolescente. Maria.

Jesus, SEMENTE de MULHER, DESCENDÊNCIA DA MULHER, ESMAGOU a cabeça da serpente. Doce vingança.

*Minha alma purificou-se*

*A aura que a cercava era dourada*

*A alegria que me consumia, era inconstestável*

*Elevei-me*

*Minhas asas buscavam o ar*

*Só o céu era vasto suficiente para a minha felicidade*

*Meu sorriso não cabia em minha face*

*Superei-me*

*O grito do meu pranto foi silenciado*

*Os cacos do meu peito foram coletados*

*As feridas escondidas, e as marcas apagadas*

*E novamente amei*

*E quanto ao futuro, que nada sei*

*Digo que alguém me espera*

*Será você? Ou outro ser?*

*Reconquistei-te?*

*E a cor da fome é o vermelho*

*É o vermelho que provoca*

*É o amor que se evoca*

*A apoteose está preparada*



*Os aflitos podem sorrir*

*Elevei,*

*Meu coração para passear! (poesia de Romulo Leão do Freak Out Blog do Tumblr)*

Cantares de Salomão é tudo isso. E um pouco mais.

Escutem! É o meu **amado**! Vejam! Aí vem ele, saltando pelos montes, pulando sobre as colinas.

e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba. Então veio do céu uma voz: "Tu és o meu Filho **amado**; em ti me agrado".

Sua boca é a própria doçura; ele é mui desejável. Esse é o meu **amado**, esse é o meu querido, ó mulheres de Jerusalém.



Wellington Corporation